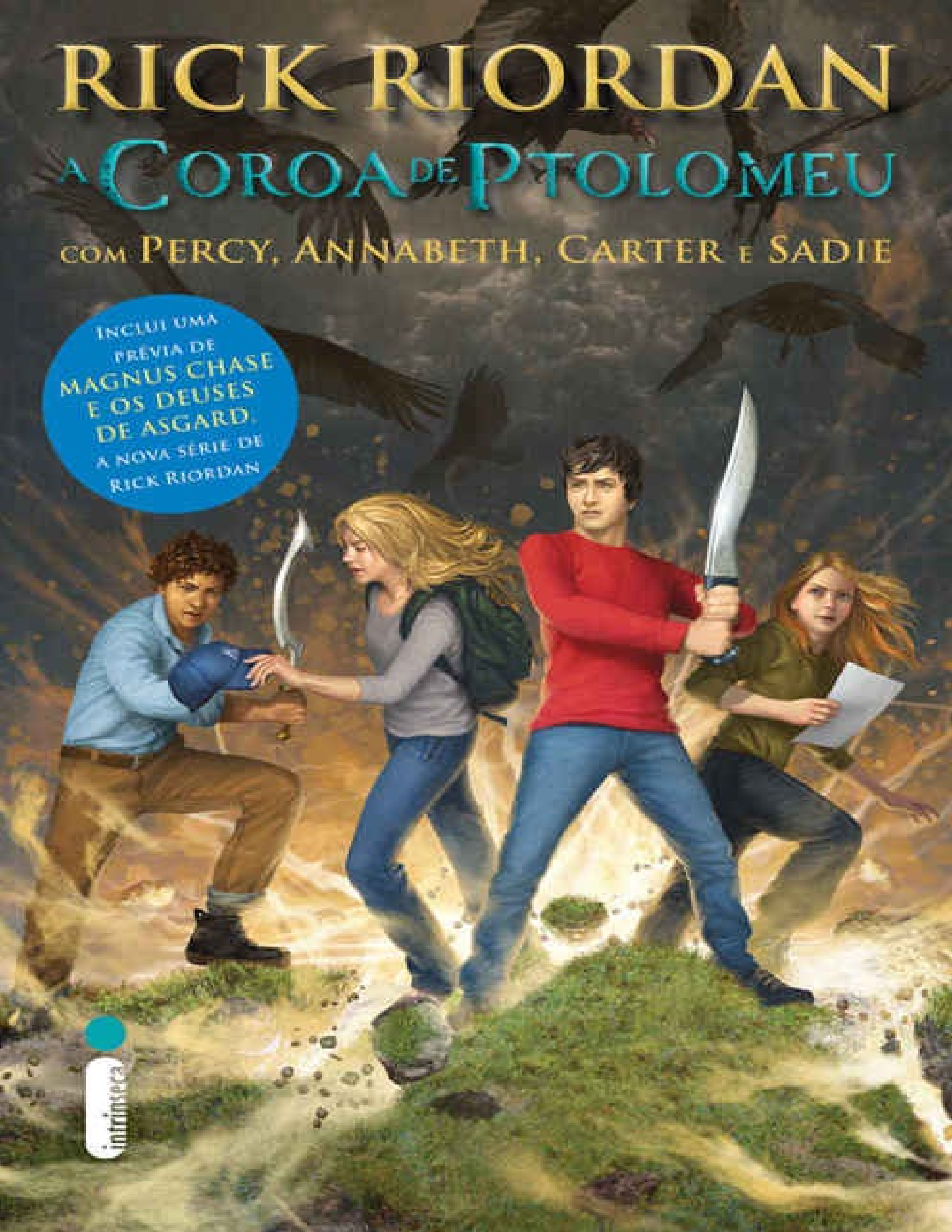
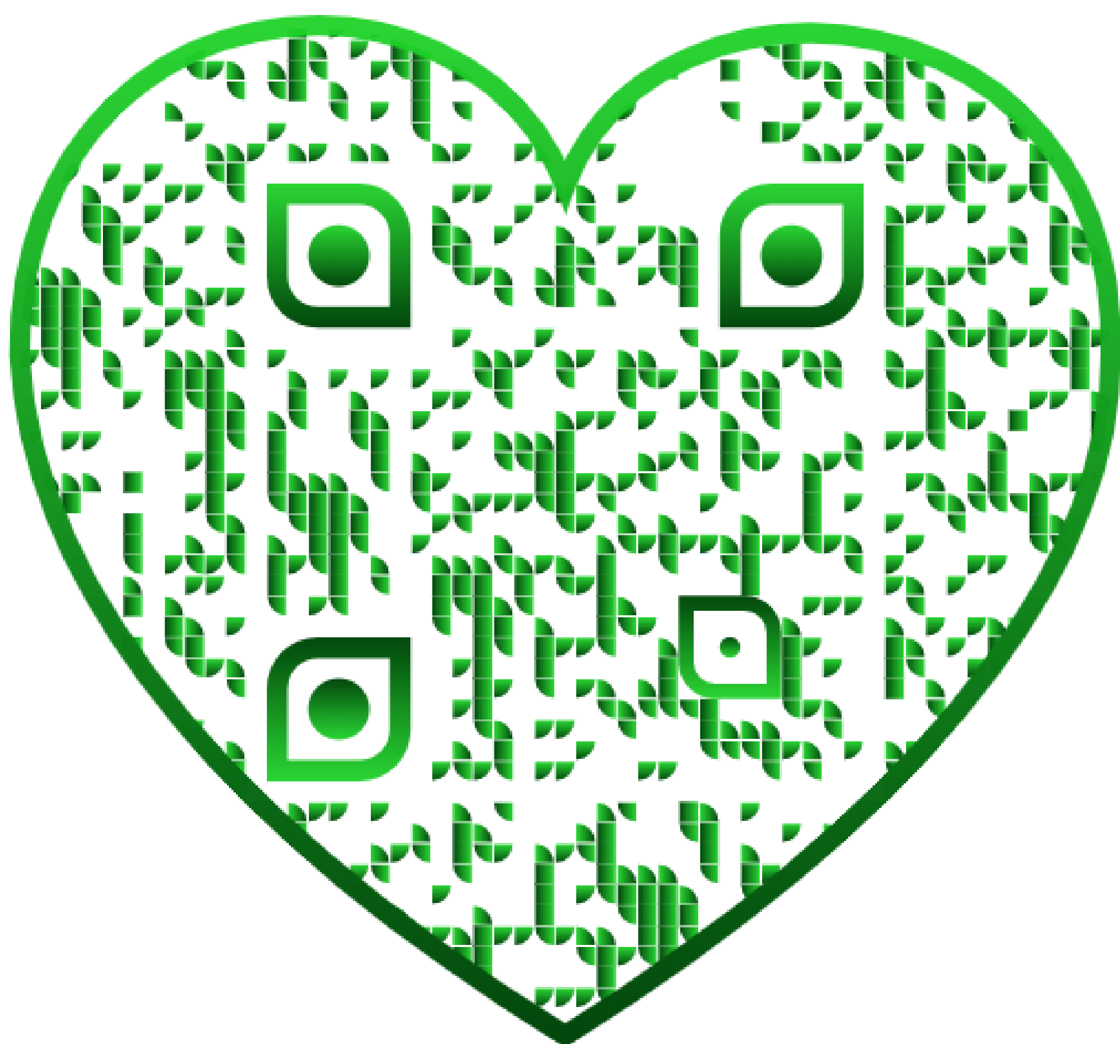

RICK RIORDAN
A COROA DE PTOLOMEU
COM PERCY, ANNABETH, CARTER E SADIE
INCLUI UMA
PRÉVIA DE
MAGNUS CHASE
E OS DEUSES
DE ASGARD,
A NOVA SÉRIE DE
RICK RIORDAN
intrínseca



Rick Riordan

A COROA DE PTOLOMEU

UMA AVENTURA DE ANNABETH CHASE, SADIE KANE, PERCY JACKSON E CARTER KANE

TRADUÇÃO DE REGIANE WINARSKI



Copyright do texto © Rick Riordan, 2015
Arte dos hieróglifos: Michelle Gengaro-Kokmen
Reproduzidos com permissão da Disney Hyperion Books. Todos os direitos reservados.
Assegurados os direitos morais do autor e do ilustrador.
Edição em português negociada por intermédio da Nancy Gallt Literary Agency e da Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.

TÍTULO ORIGINAL
The Crown of Ptolemy

REVISÃO
Milena Vargas

REVISÃO DE EPUB
Isis Batista

ARTE DE CAPA
© Antonio Javier Caparo

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

E-ISBN
978-85-8057-754-9

Edição digital: 2015

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br






You
Tube


intrínseca


Sumário

Capa
Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
A coroa de Ptolomeu
Leia o primeiro capítulo de "A espada do verão"
Capítulo um: Bom dia! Você vai morrer.
Sobre o autor
Saiba mais sobre as séries do autor
Outros títulos do autor

— Carter! — gritei.
Nada aconteceu.
Ao meu lado, recostada no muro do antigo forte, Annabeth espiou a chuva, esperando que adolescentes mágicos caíssem do céu.
— Está fazendo isso direito? — perguntou ela.
— Ih, sei lá. Tenho quase certeza de que o nome dele se pronuncia *Carter*.
— Experimenta bater no hieróglifo várias vezes.
— Isso é ridículo.
— Experimenta.
Olhei para minha mão. Não havia nem sinal do hieróglifo que Carter Kane tinha desenhado em minha pele quase dois meses antes. Ele me garantira que a magia do símbolo não sairia com a água, mas, sortudo como eu sou, devo ter feito alguma besteira ao passar a mão na calça ou algo assim.
Bati na palma da mão.
— Carter? Alô, Carter? Percy para Carter. Chamando Carter Kane. Testando, um, dois, três. Essa coisa está ligada?
Nada ainda.
Normalmente, eu não entraria em pânico se a cavalaria não aparecesse. Annabeth e eu já passamos por poucas e boas sem ajuda alguma. Só que normalmente não ficamos presos em Governors Island no meio de um furacão, cercados por cobras assassinas que cospem fogo.
(Quer dizer, eu *já* me vi cercado por cobras assassinas que cospem fogo, mas aquelas não tinham asas. Tudo fica pior com asas.)
— Muito bem. — Annabeth enxugou os olhos molhados de chuva, mas não adiantou nada, pois estava caindo uma tempestade. — Sadie não atendeu o telefone. O hieróglifo do Carter não está funcionando. Acho que vamos ter que resolver isso sozinhos.
— Claro — falei. — Mas o que vamos fazer?
Espreitei na esquina, atrás da quina do muro. Ao final de uma comprida passagem em arco, um gramado ocupava cerca de cem metros quadrados de um pátio interno, cercado por construções de tijolinhos vermelhos. Annabeth tinha me dito que aquele lugar era um forte ou algo parecido da Guerra de Independência americana, mas eu não tinha prestado atenção aos detalhes. Nosso maior problema era o cara de pé no meio do gramado fazendo um ritual mágico.
Ele parecia um Elvis Presley nanico, desfilando de lá pra cá em uma calça jeans skinny preta, uma camisa azul-clara e uma jaqueta de couro preta. Seu topete oleoso parecia intocado pela chuva e pelo vento.
O cara segurava um pergaminho velho que parecia um mapa do tesouro. Enquanto andava de um lado para outro, ele lia em voz alta, de vez em quando jogando a cabeça para trás e rindo. Basicamente, o sujeito estava em modo louco força total.
Como se isso não fosse assustador o bastante, seis serpentes aladas voavam ao redor dele, cuspindo chamas no meio da chuva.
Um relâmpago brilhou no céu. O ruído do trovão fez tremer meus molares.
Annabeth me puxou de volta.
— Esse aí só pode ser o Setne — disse ela. — O pergaminho que ele está lendo é do *Livro de Tot*. Seja lá qual for o feitiço que está lançando, temos que impedi-lo.
A essa altura, eu deveria voltar e explicar o que estava acontecendo.
Só tinha um problema: eu não fazia ideia do que estava acontecendo.
Alguns meses atrás, eu enfrentei um crocodilo gigante em Long Island. Um garoto chamado Carter Kane apareceu se dizendo mago e me ajudou, explodindo coisas com hieróglifos e se transformando em um guerreiro gigante que brilhava e tinha cabeça de galinha. Juntos, derrotamos o crocodilo, que, segundo Carter, era o filho de Sobek, o deus crocodilo egípcio. Carter avaliou a situação e concluiu que estava acontecendo alguma coisa estranha, híbrida de egípcia e grega. (Uau, eu nunca teria adivinhado.) O garoto desenhou um hieróglifo mágico na palma da minha mão e disse que era só eu chamar o nome dele se algum dia precisasse de ajuda.
Agora pulemos para o mês passado: Annabeth encontrou por acaso a irmã de Carter, Sadie Kane, no trem para Rockaway. As duas lutaram contra um sujeito divino chamado Serápis, que tinha um cajado com três cabeças e usava uma tigela de cereal como chapéu. Encerrada a luta, Sadie contou a Annabeth que talvez um mago muito antigo chamado Setne estivesse por trás de todas aquelas coisas estranhas. Pelo que entendi, esse tal de Setne tinha voltado dos mortos, arranjado

um manual de feitiçaria ultrapoderoso chamado *Livro de Tot* e estava mexendo com as magias egípcia e grega na esperança de encontrar um jeito de se tornar um deus. Sadie e Annabeth trocaram números de celular e combinaram de manter contato.

Hoje, quatro semanas depois, Annabeth apareceu no meu apartamento às dez da manhã dizendo que havia tido um sonho ruim: uma visão de sua mãe.

(A propósito: a mãe dela é Atena, a deusa da sabedoria. Meu pai é Poseidon. Somos semideuses gregos. Achei que era bom mencionar isso, tipo, só para refrescar a memória.)

Annabeth decidiu que, em vez de ir ao cinema, seria bacana passarmos o sábado nos arrastando até a ponta de Manhattan e pegando a barca para Governors Island, onde, segundo Atena, estavam surgindo problemas.

Assim que chegamos, um furacão bizarro varreu o porto de Nova York. Todos os mortais foram evacuados de Governors Island, deixando Annabeth e eu presos em um velho forte com o Elvis Maluco e as Cobras Mortais Voadoras.

Faz sentido para você?

Nem para mim.

— Seu boné de invisibilidade — falei. — Voltou a funcionar, não foi? Que tal eu distrair Setne enquanto você se aproxima por trás? Aí você arranca o livro das mãos dele.

Annabeth franziu o cenho. Mesmo com o cabelo louro encharcado e colado no rosto ela ficava bonita. Seus olhos eram da mesma cor das nuvens da tempestade.

— Pelo que dizem, Setne é o maior mago do mundo. Talvez ele veja através do véu de invisibilidade — argumentou ela. — Além do mais, se você for até lá, é capaz de ele fritar você com um feitiço. Pode acreditar, você não vai querer ser fritado com magia egípcia.

— Eu sei. Carter me acertou com um punho azul brilhante uma vez. Mas, a não ser que você tenha alguma ideia melhor…

Infelizmente, ela não tinha. Annabeth pegou da mochila o boné dos New York Yankees.

— Você me dá um minuto de vantagem? Tente derrubar aquelas cobras voadoras primeiro. Devem ser alvos mais fáceis.

— Pode deixar. — Ergui minha caneta esferográfica. Tudo bem, não é algo que impressione como arma, mas ela vira uma espada mágica quando tiro a tampa. É sério. — Uma lâmina de bronze celestial consegue matar essas cobras?

Annabeth franziu o cenho novamente.

— Deveria. Pelo menos… minha adaga de bronze funcionou contra o cajado de Serápis. Se bem que aquela adaga era feita de uma varinha egípcia, então…

— Estou ficando com dor de cabeça. Normalmente, quando tenho dor de cabeça, é hora de parar de falar e atacar algum monstro.

— Tudo bem. Mas não esqueça: nosso objetivo principal é pegar aquele pergaminho. Pelo que Sadie me disse, Setne pode usá-lo para se tornar imortal.

— Entendido. Nada de caras maus virando imortais sob a minha vigilância.

Então eu a beijei, porque 1) quando você é um semideus indo para a batalha, cada beijo pode ser seu último e 2) eu gosto de beijar Annabeth.

— Tome cuidado — disse ela.

Então colocou o boné dos Yankees e desapareceu.

Eu adoraria dizer que me aproximei do cara e matei as cobras, que Annabeth esfaqueou Elvis nas costas e pegou o pergaminho e que nós dois fomos para casa felizes.

Bem que *pelo menos uma vez* as coisas poderiam acontecer do jeito que planejamos.

Mas nããããão.

Dei alguns segundos para Annabeth chegar ao pátio de fininho.

Em seguida, abri a caneta, e Contracorrente surgiu em seu comprimento total: quase um metro de bronze celestial afiadíssimo. Avancei até o pátio e cortei em pleno ar a primeira serpente que encontrei.

Se você quer mandar um *Oi, colega!* marcante para um sujeito, nada melhor que matar o réptil voador dele.

Ao contrário da maioria dos monstros que já enfrentei, a cobra não se desintegrou. As duas metades simplesmente caíram na grama molhada, a metade com asas se sacudindo de um lado para outro, perdida.

O Elvis Maluco nem reparou no que tinha acontecido. Continuou andando de um lado para outro, absorto no pergaminho, então segui em frente e mandei ver em uma segunda cobra.

Estava difícil enxergar, por causa da tempestade. Em geral eu consigo continuar seco quando estou dentro d'água, mas na chuva é mais complicado. Os pingos alfinetavam minha pele e entravam nos meus olhos.

Relampejou. Quando minha visão clareou, duas cobras mergulhavam sobre mim, cada uma vindo de um lado. Dei um pulo para trás bem a tempo de escapar dos cuspes de fogo.

Caso vocês não saibam, é difícil pular para trás com uma espada na mão. E é ainda mais difícil quando o chão está coberto de lama.

Resumindo: escorreguei e caí de bunda.

Jatos de chamas cortaram o ar acima da minha cabeça, mas depois as duas cobras ficaram voando em círculos sobre mim como se estivessem surpresas demais para atacar novamente. Deviam estar se perguntando: *Esse cara caiu de bunda de propósito? Devemos rir antes de matá-lo? Seria muito cruel?*

Antes que elas decidissem o que fazer, o Elvis Maluco gritou:

— Deixem-no!

Na mesma hora as cobras foram se juntar às irmãs, que orbitavam três metros acima do mago.

Eu queria me levantar e encarar Setne, mas minha bunda tinha outros planos: ficar onde estava, sofrendo uma dor absurda. As bundas são assim às vezes. São umas… bundonas.

Setne enrolou o pergaminho e foi andando na minha direção, a chuva se abrindo a sua passagem como uma cortina de contas. As cobras aladas o seguiram, produzindo nuvens de vapor em meio à tempestade com seus cuspes de fogo.

— Olá! — disse Setne, de um jeito tão casual e simpático que eu logo vi que estava encrencado. — Você é um semideus, imagino.

Como ele sabia? Talvez sentisse o "cheiro" da aura de um semideus, da mesma forma que os monstros gregos. Ou talvez meus amigos brincalhões, os irmãos Stoll, tivessem escrito SOU UM SEMIDEUS na minha testa com caneta permanente, e Annabeth tivesse decidido não me contar. Isso acontecia de vez em quando.

O sorriso de Setne fazia seu rosto parecer ainda mais sombrio. Os olhos, com delineador preto, compunham uma expressão faminta e bestial. Um cordão de ouro com dois *ankhs* entrelaçados cintilava no pescoço, e da orelha esquerda pendia um ornamento que parecia uma falange humana.

— Você deve ser Setne. — Consegui me levantar sem morrer. — Comprou essa roupa para a festa de Halloween?

Setne deu uma risadinha.

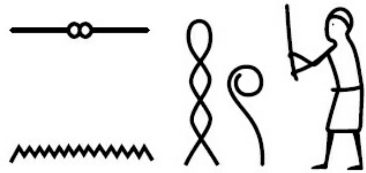
— Olha, não é nada pessoal, mas estou meio ocupado no momento. Vou pedir que você e sua namorada esperem até eu terminar meu feitiço, tudo bem? Depois que eu tiver conjurado a *deshret*, podemos bater um papo.

Tentei parecer confuso, uma das minhas expressões mais convincentes.

— Que namorada? Eu estou sozinho. Além do mais, por que você vai conjurar um deserto?

— É *deshret*. — Setne ajeitou o topete. — A coroa vermelha do Baixo Egito. Quanto à sua namorada… — Ele se virou e apontou para trás, gritando algo parecido com: — *Sun-AH!*

Hieróglifos vermelhos surgiram no ar, como se ardessem em fogo, no local que Setne apontou.



Annabeth ficou visível. Eu nunca a tinha de fato visto com o boné dos Yankees, já que ela desaparecia a cada vez que o colocava, mas ali estava ela: os olhos arregalados de surpresa, pega na tentativa de se aproximar de Setne sem ser notada.

Antes que ela pudesse reagir, os hieróglifos vermelhos incandescentes se tornaram fios grossos, que cortaram o ar e enlaçaram Annabeth, prendendo seus braços e pernas com tanta força que ela se desequilibrou e caiu.

— Ei! — gritei. — Solte minha namorada!

O mago abriu um sorriso presunçoso.

— Magia de invisibilidade? *Por favor.* Eu uso feitiços desse tipo desde que as pirâmides ainda estavam na garantia. Como falei, não é nada pessoal, semideuses, só não posso desperdiçar energia matando vocês… pelo menos não enquanto não terminar a conjuração. Espero que entendam.

Meu coração disparou. Eu já tinha presenciado magia egípcia, quando Carter me ajudara a enfrentar o crocodilo gigante em Long Island, mas não fazia ideia de como impedi-la e não conseguia suportar ver aquele mago a usando contra Annabeth.

Parti para cima dele, mas Setne apenas fez um gesto com a mão e murmurou:

— *Hu-Ai.*

Mais hieróglifos idiotas surgiram na minha frente.



Caí de cara no chão.

Minha cara não curtiu muito. Fiquei com lama nas narinas e sangue na boca, porque mordi a língua. Quando pisquei, os hieróglifos vermelhos arderam por dentro das minhas pálpebras.

— *O que foi* esse feitiço? — falei, com um gemido.

— *Cair* — respondeu Setne. — Um dos meus preferidos. É sério, não se levante. Só vai se machucar mais.

— Setne! — gritou Annabeth, debaixo da tempestade. — Preste atenção: você *não pode* se transformar em um deus. Não vai dar certo. Você só vai destruir…

As cordas mágicas se expandiram, cobrindo a boca de Annabeth.

— Agradeço a preocupação — disse o mago. — De verdade. Mas tenho tudo sob controle. Aquela história com Serápis… quando você destruiu meu deus híbrido, lembra? Aprendi bastante com aquilo. Fiz anotações muito úteis.

Annabeth tentava se soltar, mas era em vão.

Eu queria correr até ela, mas tinha o pressentimento de que acabaria com a cara na lama de novo. Dessa vez precisaria usar a inteligência… o que não é muito meu estilo.

Tentei estabilizar a respiração. E me virei de lado, só para ver se conseguia.

— Então você estava na praia Rockaway, vendo tudo? — perguntei a Setne. — Quando Annabeth e Sadie acabaram com Serápis… foi tudo parte de um plano seu?

— É claro! — Setne parecia muito satisfeito consigo mesmo. — Eu anotei os feitiços que Serápis usou quando tentou erguer o novo farol de Alexandria. Depois, foi só compará-los com a magia mais antiga que consta no *Livro de Tot* e *voilà*! Encontrei a combinação exata de feitiços para me transformar em deus. Vai ser incrível. Observe e aprenda!

Setne abriu o pergaminho e voltou a entoar os dizeres. As serpentes aladas subiam em espirais na chuva. Um relâmpago brilhou. O chão tremeu.

À esquerda de Setne e a uns quatro metros de mim, o chão gramado se abriu e um gêiser de chamas jorrou para o alto. Na mesma hora as serpentes voaram até lá, unindo-se a terra, fogo e chuva, tudo girando em um tornado, se mesclando e se solidificando até formar uma enorme naja com cabeça de mulher, toda enroscada.

Seu gorro reptiliano devia ter facilmente dois metros de largura. Seus olhos brilhavam como rubis. Uma língua bifurcada se remexia entre seus lábios, e seu cabelo preto era trançado com ouro. Sobre a cabeça dela repousava uma espécie de coroa: algo como um chapéu em miniatura, vermelho e com um ornamento de arabesco na frente.

Olha, para ser sincero, não sou muito fã de cobras gigantescas, muito menos se elas têm cabeça humana e usam um chapéu idiota. Se eu tivesse conjurado aquela coisa, faria um feitiço para mandá-la de volta para o lugar de onde veio, e rápido.

Mas Setne só enrolou o pergaminho, guardou-o no bolso da jaqueta e sorriu.

— Maravilha!

A mulher-cobra sibilou:

— Quem ousa me invocar? Sou Wadjet, rainha das najas, protetora do Baixo Egito, eterna padroeira de…

— Eu sei! — Setne bateu palmas. — Sou um grande fã seu!

Fui rastejando na direção de Annabeth. Não que eu fosse de grande ajuda naquele momento, com o feitiço *cair* me impedindo de levantar, mas queria estar perto dela se aquela naja rainha de sei lá o quê fizesse alguma coisa. Talvez eu conseguisse ao menos usar Contracorrente para cortar aquelas cordas vermelhas, dando a Annabeth a chance de lutar.

— Ah, isso é demais — continuou Setne, e pegou alguma coisa do bolso da calça. Um celular.

A deusa mostrou as presas e lançou sobre Setne uma fumaça verde (veneno, eu acho), mas ele repelia a nuvem tóxica como a ogiva de um foguete espacial repele o calor.

Continuei rastejando na direção de Annabeth, que ainda lutava inutilmente para se soltar do casulo de cordas vermelhas. A frustração ardia nos olhos dela. Annabeth odeia ser deixada de lado, mais do que praticamente qualquer coisa.

— Muito bem, onde eu clico para usar a câmera? — perguntou Setne, mexendo desajeitadamente no celular. — Temos que tirar uma foto juntos antes que eu destrua você.

— Antes que você *me destrua?*

A deusa naja se lançou para cima de Setne, mas foi jogada para trás por uma rajada de chuva e vento.

Eu estava a três metros de Annabeth. A lâmina de Contracorrente brilhou quando a arrastei pela lama.

— Vamos ver. — Setne deu tapinhas no celular. — Desculpa, essas coisas são novidade para mim. Sou da Décima Nona Dinastia. Opa, já sei. Não. Droga. Onde foi parar a tela? Ah! Aqui! Como é mesmo que o pessoal moderno chama isso? *Shelfy*? — Ele inclinou o corpo para se aproximar da deusa naja, esticou o braço com o celular e tirou uma foto. — Pronto!

— O QUE SIGNIFICA ISSO? — rugiu Wadjet. — COMO OUSA TIRAR UMA *SELFIE* COM A DEUSA NAJA?

— Isso! *Selfie!* — exclamou o mago. — Obrigado. Agora vou pegar sua coroa e consumir sua essência. Espero que não se importe.

— *O QUÊ?*

A deusa naja recuou e mostrou as presas de novo, mas a chuva e o vento a prenderam como um cinto de segurança. Setne gritou alguma coisa em uma mistura de egípcio e grego arcaicos. Algumas das palavras gregas que entendi: *alma* e *ligação* e talvez *manteiga* (mas posso ter me enganado quanto a esta última). A deusa naja começou a se contorcer.

Alcancei Annabeth bem na hora em que Setne terminou de declamar o feitiço.

Então a deusa naja implodiu, e o barulho que se ouviu foi como o maior canudo do mundo terminando de tomar o maior milk-shake do mundo. Wadjet foi sugada para dentro da própria coroa vermelha, junto com as quatro serpentes aladas de Setne e o círculo de um metro e meio do gramado, onde a deusa tinha estado enroscada.

Por fim, a coroa caiu na cratera fumegante e coberta de lama.

Setne riu com prazer.

— PERFEITO!

Se, por *perfeito*, o sujeito queria dizer *tão horrível que me dá vontade de vomitar e ai meu Deus preciso tirar Annabeth daqui agora mesmo*, eu concordava com ele.

Setne desceu na cratera para pegar a coroa. Aproveitei a chance para começar a cortar desesperadamente as cordas que prendiam Annabeth. Eu tinha acabado de livrá-la da mordaça quando as cordas emitiram um som parecido com o de uma buzina.

Meus ouvidos doeram. Minha visão ficou turva.

Quando o som parou e a vertigem passou, Setne estava de pé ao nosso lado, agora com a coroa vermelha encaixada no topete.

— As cordas gritam quando são cortadas — avisou ele. — Acho que eu devia ter mencionado isso.

Annabeth se contorcia, tentando soltar as mãos.

— O que… o que você fez com a deusa naja?

— Hã? Ah. — Setne deu um tapinha no arabesco que decorava a coroa. — Eu devorei a essência dela. Agora tenho o poder do Baixo Egito.

— Você… você devorou uma deusa! — exclamei.

— Pois é! — Ele tirou da jaqueta o *Livro de Tot* e o balançou diante dos nossos olhos. — É incrível a riqueza de informações que tem aqui. Ptolomeu I teve a ideia certa, fazer de si mesmo um deus, mas, quando ele se tornou rei de Alexandria, a magia egípcia estava diluída e fraca. Ptolomeu certamente não teve acesso a um material de primeira como o

Livro de Tot. Com esta belezinha aqui, estou com tudo! E agora que a coroa do Baixo Egito é minha, eu vou…

— Deixe-me adivinhar: vai atrás da coroa do Alto Egito — disse Annabeth. — Depois vai juntar as duas e governar o mundo.

Ele sorriu.

— Garota esperta. Mas primeiro tenho que destruir vocês dois. Nada pessoal. É só que eu descobri que um pouco de sangue de semideus é um ótimo catalisador para magia híbrida greco-egípcia. Agora, se vocês puderem ficar bem paradinhos…

Foi quando eu avancei de um pulo, a espada em riste.

Por incrível que pareça, Contracorrente se cravou bem na barriga dele.

É tão raro as coisas darem certo para mim que só fiquei agachado ali, perplexo, segurando a espada com a mão tremendo.

— Uau. — Setne olhou para o sangue em sua camisa azul-clara. — Mandou bem.

— Obrigado. — Tentei puxar Contracorrente de volta, mas tinha ficado presa. — Então… já pode morrer agora, se não se importa.

Setne sorriu como quem pede desculpas.

— Acontece que… agora estou além do alcance da morte. Com este instrumento… — Ele tocou a lâmina. — Sinto dizer que o máximo que você pode fazer é me deixar mais forte!

A coroa vermelha começou a brilhar.

Então, por um milagre, meus instintos salvaram minha vida. Apesar do feitiço que Setne jogara em mim, consegui me levantar, alcançar Annabeth e me jogar junto com ela para o mais longe possível daquele mago.

Aterrissei no chão junto à passagem em arco no momento em que um rugido terrível fez o pátio tremer. Árvores foram arrancadas do solo; janelas se estilhaçaram; tijolos despencaram das paredes e tudo ao redor foi sendo puxado na direção de Setne, como se ele tivesse virado o novo centro de gravidade. Até as cordas mágicas que prendiam Annabeth foram arrancadas. Reunindo todas as minhas forças, eu a segurei com um dos braços enquanto me agarrava a uma coluna com o outro.

Nuvens de destroços giravam ao redor do mago. Madeira, pedra e vidro se vaporizavam à medida que eram absorvidos pelo corpo de Setne.

Quando a gravidade voltou ao normal, percebi que tinha deixado para trás uma coisa importante.

Contracorrente tinha sumido. O ferimento na barriga de Setne se fechara.

— EI! — falei, me levantando com as pernas trêmulas. — Você comeu minha espada!

Minha voz soou aguda, como a de um garotinho de quem roubaram o dinheiro do lanche. A questão é que Contracorrente era meu bem mais importante. Estava comigo havia muito tempo. E me acompanhara em muitas enrascadas.

Eu já a perdera algumas vezes, mas ela sempre reaparecia em meu bolso, na forma de caneta. Dessa vez, tinha a sensação de que isso não aconteceria. Contracorrente havia sido *consumida*: sugada para dentro do corpo de Setne, junto com os tijolos, os estilhaços de vidro e vários centímetros cúbicos de terra.

— Lamento por isso — disse Setne, erguendo as mãos com as palmas para cima. — Sou uma divindade em crescimento. Preciso me nutrir… — Ele inclinou a cabeça como se estivesse prestando atenção a alguma coisa em meio à tempestade. — *Percy Jackson*. Interessante. E sua amiga é Annabeth Chase. Vocês viveram aventuras interessantes. Serão um excelente alimento!

Annabeth se levantou com dificuldade.

— Como sabe nossos nomes?

— Ah, devorar o bem mais precioso de alguém é uma boa forma de saber informações sobre seu dono. — Setne deu tapinhas na barriga. — Agora, se não se importam, preciso mesmo consumir vocês. Mas não se preocupem! A essência dos dois vai viver para sempre bem aqui… ao lado do meu… hã… pâncreas, eu acho.

Lentamente, segurei a mão de Annabeth. Depois de tudo pelo que havíamos passado, eu não permitiria que tivéssemos aquele fim: devorados por um Elvis aspirante a deus com um chapéu ridículo.

Considerei minhas opções: ataque direto ou retirada estratégica. Minha vontade era dar um soco nos olhos excessivamente pintados de Setne, mas, se conseguisse chegar à beira do cais com Annabeth, poderíamos pular na água. Sendo filho de Poseidon, eu estaria em vantagem no mar. Poderíamos nos reorganizar, talvez até voltar com mais algumas dúzias de amigos semideuses e artilharia pesada.

Antes que eu pudesse decidir, uma coisa completamente aleatória gerou uma reviravolta na situação.
Um camelo caiu do céu e esmagou Setne.
— Sadie! — gritou Annabeth.
Por uma fração de segundo, achei que ela estivesse chamando o camelo de *Sadie,* mas então percebi que ela olhava para o alto, onde dois falcões voavam em espiral acima do pátio.
O camelo berrou e peidou, o que me fez gostar mais ainda dele.
Infelizmente, porém, não tivemos tempo de ficarmos amigos. O camelo arregalou os olhos, soltou um gemido de susto e se desfez em areia.
Setne se levantou do monte de areia e terra, a coroa torta na cabeça, a jaqueta preta coberta de pelo de camelo, mas não parecia ferido.
— Isso foi deselegante. — Então olhou para os dois falcões, que desciam velozes na direção dele. — Não tenho tempo para essa bobagem.
E, bem na hora em que os pássaros iam arrancar a cara dele, Setne desapareceu em um redemoinho de chuva.

* * *

Os falcões pousaram e se transformaram em dois adolescentes humanos. À direita estava meu amigo Carter Kane, exibindo um visual despojado em sua calça larga de linho bege. Segurava uma varinha curva de marfim em uma das mãos e, na outra, uma espada com lâmina em forma de gancho. À esquerda, vi uma garota loura pouco mais nova que Carter — devia ser a irmã dele, Sadie. Ela usava uma calça também larga e de linho, só que preta, além de coturnos enlameados; tinha mechas laranja no cabelo e segurava um cajado de madeira branca.
Fisicamente, os dois não eram nada parecidos. Carter tinha a pele mais acobreada, o cabelo preto e cacheado. Sua expressão pensativa irradiava seriedade. Sadie, em contraste, tinha a pele bem clara, olhos azuis e um sorrisinho tão travesso que, se eu a conhecesse no Acampamento Meio-Sangue, acharia que é filha de Hermes.
Pensando bem, quem sou eu para falar sobre a falta de semelhança entre os Kane? Meus irmãos são ciclopes e tritões de duas caudas.
Annabeth soltou um suspiro de alívio e deu um grande abraço em Sadie, exclamando:
— Estou *tão* feliz de ver vocês!
Carter e eu nos entreolhamos.
— E aí, cara — falei. — Não vou abraçar você, não.
— Tudo bem — concordou Carter. — Desculpem pelo atraso. Essa tempestade atrapalhou nossa magia de localização.
Fiz que sim, como se soubesse o que era *magia de localização*.
— Mas então… — falei — esse amigo de vocês, Setne… ele é, tipo, um porco imundo.
Sadie deu uma risada de deboche.
— Vocês não fazem *ideia*. Por acaso ele fez aquele monólogo de vilão, que é sempre útil? Revelou os planos malignos, disse para onde iria, esse tipo de coisa?
— Ah, ele usou um pergaminho, o *Livro de Tot* — respondi. — Conjurou uma deusa naja, devorou a essência dela e roubou o chapéu vermelho da coitada.
— Droga. — Sadie olhou para Carter. — Agora ele vai atrás da coroa do Alto Egito.
— É — confirmou Carter. — E, se ele conseguir juntar as duas…
— Vai se tornar imortal — completou Annabeth. — Um deus novinho em folha. Aí ele vai começar a sugar do mundo todas as magias gregas e egípcias.
— Sem contar que ele roubou minha espada — acrescentei. — Quero ela de volta.
Os três ficaram olhando para mim.
— Que foi? Eu gosto da minha espada.
Carter prendeu no cinto o *khopesh* de lâmina curva e a varinha.
— Contem tudo que aconteceu. Com detalhes.
Enquanto falávamos, Sadie murmurou uma espécie de feitiço, fazendo a chuva se curvar ao nosso redor como se estivéssemos debaixo de um enorme guarda-chuva invisível. Maneiro.

Annabeth tem uma memória melhor, então foi ela quem contou quase toda a nossa luta com Setne… embora chamar de *luta* fosse generosidade.

Quando ela terminou, Carter se ajoelhou e desenhou alguns hieróglifos na lama.

— Se Setne pegar a *hedjet*, é o nosso fim — disse ele. — Ele vai formar a coroa de Ptolomeu e…

— Espere — falei. — Tenho baixa tolerância para nomes confusos. Será que você pode explicar o que está acontecendo usando, tipo, palavras comuns?

Carter franziu a testa.

— O *pschent* é a coroa dupla do Egito, certo? A metade de baixo é a coroa vermelha, a *deshret*. Representa o Baixo Egito. A metade de cima é a *hedjet*, a coroa branca do Alto Egito.

— Quem usa as duas juntas — acrescentou Annabeth — se torna o faraó de todo o Egito.

— Só que, neste caso — disse Sadie —, nosso amigo feioso, Setne, está criando um *pschent* muito especial: a coroa de Ptolomeu.

— Hum… — Eu ainda não tinha entendido, mas achei que deveria ao menos fingir que estava acompanhando. — Mas esse Ptolomeu não era grego?

— Era — respondeu Carter. — Alexandre, o Grande, conquistou o Egito. E morreu. Aí o general dele, Ptolomeu, assumiu e tentou fundir as religiões grega e egípcia. Ele se proclamou um rei-deus, como os antigos faraós, mas não parou por aí. Ptolomeu usou uma combinação de magias grega e egípcia para tentar se tornar imortal. Não funcionou, mas…

— Setne aperfeiçoou a fórmula — adivinhei. — Aquele *Livro de Tot* dá a ele magia de primeira.

Sadie bateu palmas para minha dedução.

— Acho que agora você entendeu. Setne vai recriar a coroa de Ptolomeu, mas desta vez do jeito certo, e vai se tornar um deus.

— E isso é ruim — falei.

Annabeth ficou mexendo distraidamente na orelha enquanto pensava sobre o assunto.

— Então… quem era a deusa naja?

— Wadjet — disse Carter. — A guardiã da coroa vermelha.

— E existe um guardião da coroa branca? — perguntou ela.

— Nekhbet. — Carter fez cara feia. — A deusa abutre. Não gosto muito dela, mas acho que vamos ter que impedir que seja devorada. Como Setne precisa da Coroa do Reino Alto, deve ir para o sul fazer o próximo ritual. É uma coisa meio simbólica.

— O alto normalmente não é o norte? — perguntei.

Sadie deu um sorrisinho.

— Ah, isso seria fácil *demais*. No Egito, o alto é o sul, porque o Nilo corre do sul para o norte.

— Que ótimo — falei. — E esse sul seria onde? Brooklyn? Antártida?

— Acho que o Setne não vai assim tão longe. — Carter se levantou e observou o horizonte. — Nosso quartel-general fica no Brooklyn. E imagino que Manhattan seja tipo a central dos deuses gregos. Um tempão atrás, nosso tio Amós deu a entender isso.

— Ah, é — confirmei. — O Monte Olimpo fica acima do Empire State Building, então…

— O Monte Olimpo… — Sadie ficou me olhando — fica em cima do… É claro. Por que não? Acho que meu irmão quer dizer que, se Setne quisesse estabelecer um novo núcleo de poder unindo o grego *e* o egípcio…

— …ele pensaria em algum lugar que ficasse entre o Brooklyn e Manhattan — completou Annabeth. — Como aqui mesmo, Governors Island.

— Exatamente — confirmou Carter. — Ele vai precisar conduzir o ritual da segunda coroa ao sul daqui, mas não precisa ser *muito* ao sul. Se eu fosse ele…

— Que bom que não é — comentei.

— …ficaria aqui mesmo, em Governors Island. Estamos na ponta norte da ilha, então…

Olhei na direção sul.

— Alguém sabe o que tem na outra ponta?

— Eu nunca estive aqui — disse Annabeth. — Mas acho que tem uma área de piquenique.

— Que lindo. — Sadie ergueu o cajado. A ponta ardeu com um fogo branco. — Alguém a fim de fazer um piquenique na chuva?

— Setne é perigoso — disse Annabeth. — Não podemos simplesmente partir para cima dele. Precisamos de um plano.
— Ela tem razão — disse Carter.
— Eu até que gosto da ideia de partir para cima — falei. — Velocidade é fundamental, certo?
— *Obrigada* — murmurou Sadie, aliviada.
— Inteligência *também* é fundamental — disse Annabeth.
— Exatamente — disse Carter. — Temos que pensar como atacar.
Sadie revirou os olhos.
— Como eu temia — disse, se dirigindo a mim. — Esses dois juntos… vamos morrer antes que eles terminem de pensar.
Eu tinha o mesmo pressentimento, mas Annabeth estava ficando com aquela expressão tempestuosa de irritação, e, como ela é minha *namorada*, achei melhor tentar um acordo:
— Que tal planejarmos enquanto caminhamos para o sul? Podemos andar bem devagar.
— Fechado — disse Carter.
Saindo do antigo forte, seguimos pela rua, passando por elegantes prédios de tijolinho que deviam ter sido quartéis militares em outros tempos. Cruzamos campos de futebol encharcados. O temporal continuava, mas o guarda-chuva mágico de Sadie nos acompanhou, nos protegendo quase totalmente.
Annabeth e Carter compararam as anotações das pesquisas que tinham feito. Os dois falavam sobre Ptolomeu e sobre misturar as magias grega e egípcia.
Sadie não parecia interessada em estratégia. Com seu coturno, ia pulando de poça em poça, cantarolando baixinho, girando como uma criancinha e de vez em quando tirando coisas aleatórias da mochila: pequenos animais de cera, um pedaço de barbante, um giz, um saco amarelo de balas.
Ela me lembrava alguém…
Então entendi. Fisicamente, ela era uma versão mais jovem de Annabeth, mas a inquietação e a agitação eram a cara de… bem, a minha cara. Se Annabeth e eu tivéssemos uma filha, provavelmente seria bem parecida com Sadie.
Opa.
Não que eu já tenha sonhado com filhos. Quer dizer, se você namora alguém por mais de um ano, a ideia começa a surgir em algum ponto da sua mente, certo? Ainda assim… eu acabei de fazer dezessete anos. Não estou pronto para pensar *tão* seriamente nessas coisas. Além do mais, sou um semideus. Passo o dia ocupado tentando me manter vivo.
No entanto, ao olhar para Sadie, consegui me imaginar tendo, um dia, uma garotinha que tivesse a cara de Annabeth e o meu jeito: uma linda semideusa que não parasse quieta, sempre pulando nas poças e esmagando monstros com camelos mágicos.
Eu devia estar encarando Sadie, porque ela me olhou de cara feia.
— Que foi?
— Nada — falei depressa.
Carter me cutucou.
— Você estava prestando atenção?
— Sim. Não. O quê?
Annabeth suspirou.
— Percy, explicar coisas para você é a mesma coisa que dar uma palestra para um porquinho-da-índia.
— Ei, Sabidinha, não começa.
— Deixa pra lá, Cabeça de Alga. Só estávamos dizendo que precisamos pensar em um ataque múltiplo.
— Ataque múltiplo… — Bati no bolso, mas Contracorrente não tinha reaparecido. Eu não queria admitir que isso me deixava bastante nervoso.
Claro, eu tenho outros recursos. Consigo fazer ondas (literalmente) e, de vez em quando, conjurar um belo furacão. Mas minha espada era uma grande parte de mim. Sem Contracorrente, eu me sentia aleijado.
— Como vamos fazer isso? — Um brilho malicioso surgiu nos olhos de Carter, deixando-o mais parecido com a irmã. — Vamos fazer o feitiço se virar contra o feiticeiro. Setne está usando magia híbrida, unindo magia grega e egípcia, certo? Vamos fazer o mesmo.
Annabeth assentiu.
— Ataques ao estilo grego não vão funcionar. Você viu o que Setne fez com a sua espada. E Carter tem certeza de que feitiços egípcios comuns também não serão suficientes. Mas, se conseguirmos encontrar um jeito de unir nossos poderes…

— Você *sabe* fazer isso? — perguntei.

Os sapatos de Carter faziam barulho na lama.

— Bem… não exatamente.

— Ah, por favor — disse Sadie. — É *fácil*. Carter, dê sua varinha para o Percy.

— Por quê?

— Faça o que eu falei, irmãozinho querido. Annabeth, você se lembra de quando enfrentamos Serápis?

— Isso! — Os olhos de Annabeth se iluminaram. — Eu peguei a varinha da Sadie e a transformei em uma adaga de bronze celestial, como a minha antiga. E essa arma destruiu o cajado de Serápis. Talvez a gente consiga criar outra arma grega a partir de uma varinha egípcia. Boa ideia, Sadie.

— Viva. Sabe, eu não preciso passar horas fazendo planos e pesquisas para ser brilhante. Agora, Carter, por favor.

Assim que peguei a varinha, minha mão se contraiu como se eu estivesse segurando um cabo elétrico. Pontadas de dor subiram pelo meu braço. Tentei largar aquilo, mas não consegui. Meus olhos se encheram de lágrimas.

— A propósito — disse Sadie —, pode ser que doa um pouco.

— Obrigado por avisar. — Trinquei os dentes. — Mas foi um pouco tarde.

O bastão de marfim começou a fumegar. Quando a fumaça se dispersou e a dor diminuiu, me peguei segurando, em vez da varinha, uma espada de bronze celestial que *definitivamente* não era Contracorrente.

— O que é isso? — perguntei. — É enorme.

Carter assobiou baixinho.

— Já vi algumas em museus. É uma *kopis*.

Ergui a espada. Como tantas que eu já tinha experimentado, eu sentia que não se encaixava nas minhas mãos. O cabo era pesado demais. A lâmina de um fio só tinha um estranho formato curvo, como um gancho gigantesco. Quando tentei dar um golpe no ar, quase perdi o equilíbrio.

— Esta não parece a sua — falei para Carter. — A sua não se chama *kopis*?

— A minha é um *khopesh* — corrigiu Carter. — A versão original egípcia. O que você está segurando é uma *kopis*, a versão grega, adaptada da original egípcia. É o tipo de espada que os guerreiros de Ptolomeu usariam.

Olhei para Sadie.

— Ele está tentando me confundir?

— Não — respondeu ela, animada. — Ele causa confusão sem nem tentar.

Carter bateu com a palma da mão na testa.

— Não é possível que você não tenha entendido. Como pode…? Deixa pra lá. Percy, a questão é: você consegue lutar com essa espada?

Golpeei o ar novamente.

— Parece que estou usando um cutelo, mas vai ter que servir. E vocês, o que vão usar como arma?

Annabeth esfregou as contas de argila do colar, como geralmente faz enquanto pensa. Ela estava linda. Mas não vamos perder o foco.

— Sadie, aqueles feitiços de hieróglifos que você usou na praia Rockaway… qual deles provocou a explosão? — perguntou ela.

— Chama-se… bem, na verdade não posso dizer a palavra sem fazer você explodir. Espere aí.

Sadie remexeu na mochila e pegou uma folha de papiro amarelado, um buril de escrita e um pote de tinta (acho que papel e caneta não seria muito egípcio). Então se ajoelhou e, usando a mochila como apoio improvisado, escreveu em letras normais: *HA-DI*.

— É um bom feitiço — concordou Carter. — Podemos mostrar o hieróglifo correspondente, mas, se você não souber falar as palavras de poder…

— Não precisa — interrompeu-o Annabeth. — Isso significa *explodir*?

— Mais ou menos — respondeu Sadie.

— E dá para escrever o hieróglifo em um pergaminho sem deflagrar o *cabum*?

— Dá, sim. O pergaminho guarda a magia para depois. Se você ler a palavra no papiro… bem, é ainda melhor. Mais *cabum* com menos esforço.

— Ótimo — disse Annabeth. — Você tem outro pedaço de papiro?

— Annabeth, o que você vai fazer? — perguntei. — Se está pensando em se meter com palavras explosivas…

— Relaxa. Eu sei o que estou fazendo. Acho.

Ela se ajoelhou ao lado de Sadie, que lhe deu uma nova folha de papiro.

Annabeth pegou o buril e escreveu, em grego arcaico:

Κεραυνόω

Como sou disléxico, tenho sorte quando consigo reconhecer palavras *na minha língua*, mas, sendo semideus, meu cérebro tem o grego arcaico meio que gravado a ferro.

— Ki-rau-nó — pronunciei. — *Explosão*?

Annabeth respondeu com um sorrisinho malicioso.

— É o termo mais próximo em que consegui pensar. Literalmente, quer dizer *atacar com raios*.

— Aah — fez Sadie. — Adoro atacar coisas com raios.

Carter estava olhando para o papiro.

— Você acha que podemos invocar a palavra do grego arcaico do mesmo jeito que fazemos com os hieróglifos?

— Podemos tentar — disse Annabeth. — Qual de vocês é melhor com esse tipo de magia?

— Sadie — respondeu Carter. — Sou mais um mago de combate.

— Modo galinha gigante — lembrei.

— Olha só, meu avatar é um *guerreiro com cabeça de falcão*.

— Ainda acho que você poderia conseguir patrocínio do KFC. Ganharia uma nota.

— Parem com isso, vocês dois. — Annabeth entregou o pergaminho a Sadie. — Carter, vamos trocar: eu experimento o seu *khopesh* e você experimenta o meu boné.

Ela jogou o boné para ele.

— Eu prefiro basquete, mas… — Carter colocou o boné e desapareceu. — Uau. Legal. Estou invisível, não estou?

Sadie aplaudiu.

— Você nunca ficou tão bonito, irmãozinho querido.

— Engraçadinha.

— Se você conseguir se aproximar do Setne sem ser visto — disse Annabeth —, pode pegá-lo de surpresa e tirar a coroa dele.

— Mas você disse que o Setne enxergou você mesmo sob o feitiço da invisibilidade — disse Carter.

— Isso foi *comigo*, uma grega usando um item mágico grego. Em você talvez funcione melhor. Ou ao menos de forma diferente.

— Vale a pena tentar, Carter. A única coisa melhor do que uma galinha gigante é uma galinha gigante invisível.

De repente, o chão começou a tremer.

Do outro lado dos campos de futebol, na direção do extremo sul da ilha, um brilho branco iluminou o horizonte.

— Isso não pode ser bom — disse Annabeth.

— Não — concordou Sadie. — Talvez seja melhor a gente partir para cima um pouco mais rápido.

* * *

Os abutres estavam fazendo a festa.

Depois de uma fileira de árvores, um campo enlameado se estendia até os limites da ilha. Na base de um pequeno farol havia algumas mesas de piquenique, como se estivessem ali embaixo para se abrigar. No porto, do outro lado do mar, a Estátua da Liberdade reluzia branca na tempestade, cercada por nuvens carregadas que se moviam como ondas na proa de um navio.

No meio da área de piquenique, seis enormes abutres pretos voavam em círculos na chuva, orbitando ao redor de nosso amiguinho Setne.

O mago estava de roupa nova. Tinha colocado um paletó xadrez vermelho — para combinar com a cor da coroa, eu acho. A calça de seda cintilava, com uma estampa vermelha e preta. Para completar, garantindo um visual bem extravagante, mocassins todos cobertos de strass.

Ele desfilava de um lado para outro com o *Livro de Tot*, cantarolando um feitiço, exatamente como o tínhamos visto fazer no forte.

— Ele está conjurando Nekhbet — murmurou Sadie. — Eu realmente *não* queria vê-la de novo.

— E que espécie de nome é esse? Neckbutt! — falei.

Sadie riu.

— Foi assim que *eu* a chamei na primeira vez que a vi. Mas ela *não* é muito legal. Possuiu minha avó, me perseguiu por Londres inteira…

— Então qual é o plano? — perguntou Carter. — Talvez um ataque pelos flancos?

— Ou podemos tentar distraí-lo… — disse Annabeth.

— Atacar! — exclamou Sadie, já partindo para a clareira, o cajado em uma das mãos e o pergaminho grego na outra.

Lancei um olhar sugestivo para Annabeth.

— Sua nova amiga é incrível.

E fui atrás de Sadie.

Meu plano era bem simples: avançar sobre Setne e matá-lo. Mesmo com aquela espada pesada, logo ultrapassei Sadie. Dois abutres mergulharam na minha direção, e cortei-os em pleno ar.

Eu estava a dois metros de Setne, imaginando a satisfação de parti-lo ao meio, quando ele se virou e me viu, e então sumiu. Minha espada golpeou o vazio.

Cambaleei, desequilibrado e zangado.

Três metros à minha esquerda, Sadie acertou um abutre com o cajado. A ave explodiu, virando pó branco. Annabeth correu na nossa direção, me olhando com aquela cara enfezada que dizia: *Se você morrer, eu te mato.* A posição de Carter, que estava invisível, era desconhecida.

Com um raio de fogo branco, Sadie explodiu outro abutre no céu. Os restantes se dispersaram na tempestade.

Sadie olhou em volta, à procura de Setne.

— *Cadê* aquele imbecil magrelo?

O imbecil magrelo apareceu bem atrás dela. Pronunciou uma única palavra de seu pergaminho de surpresas detestáveis, e o chão explodiu.

Quando recuperei os sentidos, ainda estava de pé, o que era um pequeno milagre. A força do feitiço tinha me empurrado para longe de Setne, de forma que meus sapatos produziram dois profundos vãos na lama.

Levantei o rosto, mas não consegui entender o que estava vendo. O solo ao redor de Setne tinha se aberto, formando um buraco circular de três metros de diâmetro. A terra que irrompera na erupção estava congelada no ar. Filetes de areia vermelha se enrolaram nas minhas pernas e roçaram no meu rosto ao serpentearem em todas as direções. Era como se tivessem parado o tempo enquanto alguém secava lama avermelhada em um secador de saladas gigantesco.

Sadie estava caída no chão à minha esquerda, as pernas sob um cobertor de lama. Ela tentou, mas não conseguiu se soltar. O cajado estava fora de seu alcance. O pergaminho em sua mão tinha virado um trapo lamacento.

Dei um passo na direção dela, mas os filetes de areia me impediram de continuar.

Em algum lugar atrás de mim, Annabeth gritou meu nome. Eu me virei e a vi mais distante da zona de explosão. Estava tentando atacar, mas os filetes de terra a alcançaram e bloquearam seu caminho, se sacudindo como tentáculos de polvo.

Não se via Carter em lugar algum. Só me restava torcer para que não estivesse preso naquela teia idiota de terra flutuante.

— Setne! — gritei.

O mago limpou a terra das lapelas do paletó.

— Você *realmente* devia parar de me interromper, semideus. Sabe, originalmente a coroa *deshret* foi um presente dado pelo deus da terra, Geb, aos faraós. Por isso ela se defende com uma magia da terra que é sensacional!

Trinquei os dentes. Annabeth e eu tínhamos acabado de sair de uma batalha com Gaia, a Mãe Terra. Mais magia da terra era a *última* coisa de que eu precisava.

Sadie continuava tentando soltar as pernas da lama.

— Limpe toda essa lama agora mesmo, rapazinho — disse ela. — Depois nos dê essa coroa e vá para o seu quarto.

Os olhos do mago brilharam.

— Ah, Sadie… Sempre adorável. Cadê seu irmão? Eu o explodi sem querer? Você pode me agradecer depois, porque agora eu preciso continuar aqui as minhas coisas.

Ele nos deu as costas e voltou à leitura cantarolada.

O vento ficou mais forte. A chuva ao redor dele chicoteava o ar. Os filetes de areia flutuantes entraram em movimento como fumaça.

Consegui dar um passo à frente, mas era como tentar andar mergulhado em cimento molhado. Annabeth não estava tendo muito mais sorte que eu, e Sadie conseguiu soltar uma das pernas, mas ficou sem o coturno. Ela xingou mais do que meu amigo cavalo imortal Arion (o que não é pouca coisa).

O feitiço esquisito de Setne sobre a terra estava enfraquecendo, mas não rápido o bastante. Eu só tinha conseguido dar mais dois passos quando Setne terminou a declamação.

Uma nuvem de escuridão se ergueu na frente dele, assumindo a forma de uma mulher majestosa. Ela usava um vestido preto com rubis incrustados na gola, e a parte de cima de seus braços era adornada por aros dourados. Seu rosto tinha uma qualidade imperiosa e atemporal que aprendi a reconhecer. Significava: *Sou uma deusa; lide com isso.* Pousada em seu cabelo preto trançado havia uma coroa cônica branca, e não consegui deixar de me perguntar por que um ser imortal poderoso escolheria um adereço de cabeça no formato de um pino de boliche.

— Você! — rosnou ela para Setne.

— Eu! — confirmou ele. — É maravilhoso vê-la de novo, Nekhbet. Uma pena não termos tempo para bater um papo, mas é que não dá para deixar esses mortais presos para sempre. Vamos ter que ser rápidos. O *hedjet*, por favor.

A deusa abutre abriu os braços, que se tornaram enormes asas pretas. O ar ao redor dela ficou escuro como fumaça.

— Eu não me rendo a novatos arrogantes como você. Sou a protetora da coroa, o escudo do faraó, o…

— Sim, sim — disse Setne. — Mas você já se rendeu várias vezes a novatos arrogantes. A história do Egito é basicamente uma lista dos novatos arrogantes aos quais você se rendeu. Então pode passar a coroa.

Eu não sabia que abutres sibilavam, mas Nekhbet fez exatamente isso. De sob as asas dela começou a sair fumaça.

Por toda a clareira, a magia de Setne se desfez. Os filetes de areia vermelha caíram no chão com um ressonante *ploft*, e de repente consegui me mexer de novo. Sadie se levantou, cambaleante. Annabeth foi correndo até mim.

Setne não parecia preocupado conosco.

Ele fez uma reverência debochada a Nekhbet.

— Impressionante. Mas veja isto!

Dessa vez ele não precisou ler no pergaminho ao gritar uma combinação de grego e egípcio. Reconheci as palavras do feitiço que ele lançara lá no forte.

Annabeth e eu nos olhamos prolongadamente. Percebi que estávamos pensando a mesma coisa: não podíamos deixar que Setne consumisse a deusa.

Sadie ergueu o papiro lamacento.

— Annabeth e Percy: tirem Nekhbet daqui. VÃO!

Não havia tempo para discutir. Nós dois pulamos na deusa como jogadores de futebol americano e a empurramos campo afora, para longe de Setne.

Atrás de nós, Sadie gritou:

— *Ke-rau-noh!*

Não vi a explosão, mas deve ter sido impressionante.

Annabeth e eu fomos lançados para a frente e caímos em cima de Nekhbet, que soltou um gritinho indignado. (A propósito, não recomendo usar penas de abutre como enchimento de travesseiro. Não são muito confortáveis.)

Consegui me levantar. O local onde víramos Setne por último tinha virado uma cratera fumegante.

O cabelo de Sadie estava chamuscado nas pontas, os olhos arregalados de surpresa. O pergaminho sumira.

— Foi demais! Eu acertei o maldito?

— Não! — respondeu Setne, reaparecendo a alguns poucos metros de nós, um pouco cambaleante e com as roupas fumegantes, mas parecendo mais atordoado do que atingido.

Ele se ajoelhou e pegou uma coisa cônica e branca… a coroa de Nekhbet, que devia ter caído quando nos lançamos sobre a deusa.

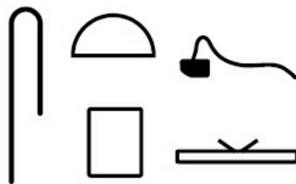
— Obrigado por isto — disse Setne, abrindo os braços em triunfo, a coroa branca em uma das mãos e o *Livro de Tot* na outra. — Onde é que eu estava mesmo? Ah, sim! Consumindo vocês todos!

Do outro lado do campo, ouvi a voz de Carter:

— STAHP!

Acho que *stahp* é uma palavra em egípcio arcaico. Como íamos saber?

Um hieróglifo azul cortou o ar, decepando a mão direita de Setne na altura do pulso.



O mago berrou de dor e o *Livro de Tot* caiu na grama.

A uns seis metros de mim, Carter apareceu do nada, segurando o boné de Annabeth. Não estava no modo galinha gigante, mas, tendo salvado nossas vidas, não seria eu a reclamar.

Setne olhou para o *Livro de Tot*, ainda na mão cortada, mas avancei de um pulo e encostei a ponta da espada embaixo do nariz dele.

— Nem pense nisso.

O mago rosnou.

— Pegue o livro, então! Não preciso mais dele!

E sumiu em um redemoinho de escuridão.

Caída no chão ao meu lado, a deusa abutre se debateu e empurrou Annabeth para o lado.

— Saia de cima de mim!

— Minha senhora — disse Annabeth, se levantando —, eu estava tentando impedir que você fosse devorada. Não tem de quê, viu?

A deusa abutre ficou de pé.

Sem a coroa, ela não causava tanta impressão. Seu penteado tinha virado uma salada de lama e grama; seu vestido preto, uma capa de penas. Ela parecia murcha e encolhida, o pescoço projetado como… bem, como o de um abutre. Só faltava o cartaz pedindo UMA AJUDA POR CARIDADE. Eu teria dado uns trocados na mesma hora.

— Crianças desprezíveis — resmungou ela. — Eu poderia ter destruído aquele mago!

— Não exatamente — retruquei. — Alguns minutos atrás, vimos Setne consumir uma deusa naja. E ela tinha muito mais presença que você.

Nekhbet apertou os olhos.

— Era a Wadjet? Ele absorveu a *Wadjet*? Me contem tudo.

Carter e Sadie se aproximaram enquanto contávamos à deusa o que tinha acontecido até ali.

Quando terminamos, Nekhbet gritou de fúria.

— Isso é inaceitável! Wadjet e eu éramos os símbolos da união no Egito Antigo. Éramos reverenciadas como as Duas Senhoras! Aquele novato arrogante do Setne roubou minha outra Senhora!

— Bom, ele não pegou você — ponderou Sadie. — Imagino que seja uma coisa boa.

Nekhbet arreganhou os dentes, que eram pontudos e vermelhos como uma fileira de biquinhos de abutre.

— Vocês… os *Kane*. Eu devia ter imaginado que estariam envolvidos nisso. Sempre se metendo nos assuntos dos deuses.

— Ah, então agora é culpa *nossa*? — Sadie ergueu o cajado. — Escuta aqui, bafo de abutre…

— Vamos manter o foco — interveio Carter. — Pelo menos pegamos o *Livro de Tot*. E impedimos que Setne devorasse Nekhbet. Qual será o próximo passo de Setne e como podemos impedi-lo?

— Ele está com as duas partes do *pschent*! — disse a deusa abutre. — Sem minha essência, a coroa branca não tem tanto poder, é verdade, mas ainda serve para os propósitos de Setne. Ele só precisa completar a cerimônia de endeusamento usando a coroa de Ptolomeu, e aí vai virar um deus. Eu *odeio* quando mortais viram deuses! Sempre querendo tronos, sempre construindo palácios cafonas e espalhafatosos. Não respeitam as regras do lounge dos deuses.

— Lounge dos deuses? — perguntei.

— Temos que impedi-lo! — gritou Nekhbet.

Sadie, Carter, Annabeth e eu nos entreolhamos, inquietos. Normalmente, quando um deus diz *temos que impedi-lo*, quer dizer *vocês têm que impedi-lo enquanto eu espero aqui, tomando uma bebida gelada*. Se bem que Nekhbet parecia realmente

disposta a tomar parte na ação.

Não que isso tenha me deixado menos nervoso. Sempre evito me associar com deusas que comem carcaças de animais. É um dos meus princípios.

Carter se ajoelhou junto à mão decepada de Setne e pegou o *Livro de Tot*.

— Podemos usar o pergaminho? Isso aqui tem magia poderosa.

— Se fosse assim, por que Setne o deixaria para trás? — questionou Annabeth. — Achei que fosse essencial para ele conquistar a imortalidade.

— Ele disse que já tinha acabado de usar — relembrei. — Acho que passou na prova e jogou fora as anotações.

Annabeth fez uma cara horrorizada.

— Ficou maluco? Você joga fora as anotações depois de uma prova?

— Não é o que todo mundo faz, srta. Gênia?

— Pessoal! — interrompeu Sadie. — É uma fofura ver vocês dois brigando, mas temos coisas a fazer. — Ela se virou para Nekhbet. — Agora, Vossa Alteza da Carniça, diga se há alguma forma de determos Setne.

Nekhbet encolheu as unhas dos pés em formas de garras.

— Talvez. Ele ainda não é um deus completo. Mas, sem minha coroa, meus poderes ficam muito diminuídos.

— E o *Livro de Tot*? — perguntou Sadie. — Pode não ter mais uso para Setne, mas nos ajudou a derrotar Apófis.

Ao ouvir o nome, Nekhbet ficou pálida. Três penas caíram do vestido dela.

— Por favor, não me lembrem dessa batalha. Mas você tem razão. O *Livro de Tot* contém um feitiço para aprisionar deuses. Seria preciso muita concentração e preparação…

Carter tossiu.

— Acho que o Setne não ficaria esperando quietinho enquanto a gente se prepara.

— Não — concordou Nekhbet. — Seria preciso pelo menos três de vocês para montar uma boa armadilha. Desenhar um círculo, encantar uma corda, consagrar a terra… E as outras partes do feitiço teriam que ser improvisadas. Odeio magia ptolomaica e acho uma abominação misturar poderes gregos e egípcios, mas…

— Funciona — completou Annabeth. — Carter conseguiu se manter invisível com o meu boné. E o pergaminho de explosão de Sadie deixou Setne atordoado, pelo menos.

— Vamos precisar de mais do que isso — disse Sadie.

— Sim… — A deusa abutre me encarou como se eu fosse um delicioso gambá atropelado na beira da estrada. — Um de vocês vai ter que lutar com Setne e mantê-lo desequilibrado enquanto os outros preparam a armadilha. Precisamos de um ataque híbrido muito potente. Uma abominação que nem Ptolomeu aprovaria.

— Por que está olhando para mim? — perguntei. — Eu não sou abominável.

— Você é filho de Poseidon — observou a deusa. — Seria uma combinação inesperada.

— Combinação? O que…?

— Ah, não, não, não. — Sadie levantou as mãos. Parecia horrorizada, e, se a ideia da deusa assustava *aquela* garota, eu não queria saber o que era. — Nekhbet, você não pode estar falando sério. Quer que um semideus hospede você? Ele nem mago é. Não tem sangue de faraós!

Carter fez uma careta.

— Essa é a ideia, Sadie. Percy não é o tipo comum de hospedeiro. Se o pareamento funcionar, ele pode torná-lo muito poderoso.

— Ou pode derreter o cérebro dele!

— Esperem — interveio Annabeth. — Prefiro meu namorado com cérebro não derretido. Do que exatamente estamos falando?

Carter balançou o boné dos Yankees na minha frente.

— Nekhbet quer que Percy seja hospedeiro dela. É um recurso que os deuses egípcios usam para marcar presença no mundo mortal. Eles podem habitar corpos mortais.

Meu estômago deu um nó.

— Você quer que *ela* — apontei para a deusa abutre desgrenhada — me *habite*? Isso me soa meio…

Tentei pensar em uma palavra que transmitisse minha repulsa sem ofender a deusa. Mas não consegui.

Annabeth deu um passo à frente.

— Nekhbet, use a mim. Sou filha de Atena. Posso ser melhor no…

— Ridículo! — A deusa fez um ruído de deboche. — Sua mente é muito astuta, garota. Teimosa e inteligente demais. Eu teria dificuldade em guiar você.

— Me *guiar*? — protestei. — Minha senhora, eu não sou um Toyota.

— Meu hospedeiro precisa ter certo nível de simplicidade — continuou a deusa. — Percy Jackson é perfeito. Ele é poderoso, mas não tem a mente lotada de planos e ideias.

— Uau. Quanto amor.

Nekhbet se virou para mim, incisiva:

— Não temos tempo para discussão! Sem uma âncora física, não posso continuar por muito mais tempo no mundo mortal. Se vocês querem deter Setne, precisam do poder de um deus. Temos que agir *agora*. Juntos, triunfaremos! Vamos fazer um banquete com a carcaça daquele mago metido a besta!

Engoli em seco.

— Na verdade, estou tentando reduzir as carcaças na minha dieta.

Carter me lançou um olhar solidário que só fez com que eu me sentisse pior.

— Infelizmente, Nekhbet tem razão, Percy. Você é nossa melhor chance. Sadie e eu não poderíamos hospedá-la nem se ela quisesse. Já temos deuses patronos.

— Que ficaram quietinhos na deles. Muito conveniente — comentou Sadie. — Devem estar com medo de terem a essência sugada.

Nekhbet voltou a me encarar com seus olhos pretos brilhantes.

— Você consente em me hospedar, semideus?

Eu conseguia pensar em mil e uma maneiras de dizer não, mas a palavra *sim* não saía pela minha garganta de jeito nenhum. Olhei para Annabeth em busca de apoio, mas ela parecia tão tensa quanto eu.

— Eu não… não sei não, Percy — confessou ela. — Isso está *muito* além do que eu consigo avaliar.

De repente, a chuva rareou até parar. No sombrio e abafado silêncio que se seguiu, um brilho vermelho iluminou o centro da ilha, como se alguém tivesse acabado de acender uma fogueira na área dos campos de futebol.

— Lá está Setne — disse Nekhbet. — A ascensão a deus começou. Qual é a sua resposta, Percy Jackson? Só vai funcionar se você me der seu consentimento.

Respirei fundo. Tentei me convencer de que hospedar uma deusa não podia ser pior do que todas as outras coisas estranhas e horríveis que eu já tinha vivenciado em minha trajetória como semideus… Além do mais, meus amigos precisavam da minha ajuda. E eu não queria que aquele sósia do Elvis magrelo se tornasse deus e construísse um palácio ridículo no meu bairro.

— Tudo bem — falei. — Pode me abutrizar.

Nekhbet se dissolveu em uma névoa preta, que serpenteou ao redor do meu corpo e encheu minhas narinas com um cheiro que parecia piche fervente.

* * *

Como é se fundir a um deus?

Se quiser os detalhes completos, acesse meu blog para ler a resenha que fiz. Não tenho a menor vontade de passar por isso de novo. Dei meia estrela para a experiência.

Por enquanto, vamos dizer apenas que ser possuído por uma deusa abutre foi ainda mais perturbador do que eu tinha imaginado.

Milhares de anos de lembranças vieram à minha mente em uma enxurrada. Vi pirâmides se erguendo no deserto, com o sol cintilando no rio Nilo. Ouvi sacerdotes entoando cânticos à sombra fresca de um templo e senti o cheiro de incenso de mirra no ar. Sobrevoei as cidades do Egito Antigo, contornando o palácio do faraó. Fui a deusa abutre Nekhbet — protetora do rei, escudo dos fortes, terror dos fracos e moribundos.

Eu também tinha um desejo ardente de encontrar uma bela e quente carcaça de hiena, de enfiar a cara no animal e…

Ok, basicamente eu não era mais eu mesmo.

Tentei me concentrar no presente. Olhei para os meus sapatos… era o mesmo velho par de Brooks, com cadarço amarelo no pé esquerdo e preto no direito. Levantei o braço que segurava a espada, para ter certeza de que ainda conseguia controlar

meus músculos.

Relaxe, semideus, ouvi a voz de Nekhbet em minha mente. *Deixe que eu assuma o comando.*

— Não mesmo — falei. Foi um alívio ver que minha voz continuava a mesma. — Ou fazemos isso juntos, ou não fazemos.

— Percy? — chamou Annabeth. — Você está bem?

Olhar para ela foi desorientador. A parte "Percy" de mim via minha namorada linda de sempre. A parte "Nekhbet" via uma jovem cercada de uma poderosa aura ultravioleta, a marca de um semideus grego. A visão me encheu de desdém e medo. (Para deixar registrado: sinto um medo saudável de Annabeth. Ela me deu uma surra em mais de uma ocasião. Mas desdém? Não mesmo. Isso vinha só de Nekhbet.)

— Tudo certo — respondi. — Eu estava falando com o abutre na minha cabeça.

Carter andou ao meu redor, franzindo a testa como se eu fosse uma escultura abstrata.

— Percy, tente um equilíbrio. Não deixe que ela o domine, mas também não resista. É como naquela brincadeira em que duas pessoas correm com uma das pernas amarrada na da outra. As duas têm que conseguir um ritmo juntas.

— Mas, se tiver que escolher — completou Sadie —, dá um nocaute nela e fica você no controle.

— Garota idiota! — rosnei. — Não venha me dizer o que… — Mas logo me obriguei a parar de falar. Senti um gosto podre na boca. — Desculpa, Sadie — consegui dizer. — Era Nekhbet falando, não eu.

— Eu sei. — A expressão de Sadie ficou tensa. — Seria bom se tivéssemos mais tempo para você se acostumar a hospedar uma deusa, mas…

Outra luz vermelha eclodiu, iluminando as copas das árvores.

— Quanto mais cedo eu tirar essa deusa da minha cabeça, melhor — falei. — Vamos lá quebrar a cara do Setne.

* * *

Setne realmente não conseguia se decidir por um figurino.

Ele estava andando pelo campo de futebol com uma calça preta boca de sino, uma camisa branca com babados e um sobretudo roxo purpurinado — e, para completar, a recém-montada coroa vermelha e branca. Parecia o Prince na foto que eu vira em uma das capas dos discos antigos da minha mãe, e, a julgar pelas luzes mágicas girando ao redor, Setne estava se preparando para uma festa como se fosse 1999 a.C.

Ele não parecia incomodado por agora ter apenas uma das mãos. Balançava no ar o cotoco como um maestro, entoando dizeres em grego e egípcio. Enquanto isso, uma névoa branca surgia aos pés dele e explosões de luz dançavam ao redor, como se mil crianças estivessem escrevendo seus nomes no ar com faíscas.

Eu não entendia o que estava vendo, mas Nekhbet entendia. Com a visão dela, reconheci o Duat, a dimensão mágica que existe abaixo do reino mortal. Vi camadas de realidade, como um subsolo de geleia cintilante e multicolorida, mergulhando até o infinito. Na superfície, onde os mundos mortal e imortal se encontram, Setne estava transformando o Duat em tempestade — ondas revoltas de cor e nuvens brancas de fumaça.

Annabeth já tinha me contado como fora assustador ver o Duat em sua aventura na praia Rockaway. Ela se perguntava se o Duat egípcio tinha alguma relação com o conceito grego de Névoa, o véu mágico que impede os mortais de reconhecerem deuses e monstros.

Com Nekhbet em minha mente, eu soube a resposta. É claro que havia uma relação com a Névoa, que é apenas um nome grego para a camada superior entre os mundos — a camada que Setne estava destruindo naquele momento.

Eu deveria ter ficado apavorado. Ver o mundo em todas as suas camadas infinitas era suficiente para dar vertigem em qualquer um.

Mas eu já tinha sido largado em oceanos. Estava acostumado a me ver em profundezas, rodeado por camadas termais infinitas.

Além do mais, Nekhbet não se impressionava com facilidade. Ela já tinha visto de tudo ao longo dos milênios. Sua mente era tão fria e seca quanto o vento que sopra no deserto à noite. Para ela, o mundo mortal era uma terra de ninguém em constante mutação, pontilhado de carcaças de homens e suas civilizações. Nada durava. Tudo era algo esperando para morrer. Quanto ao Duat, sempre era agitado e emitia plumas de magia como raios de sol no mundo mortal.

Mesmo assim, porém, nós dois ficamos perturbados ao ver como o feitiço de Setne dilacerava a Névoa. Ele não a estava

apenas manipulando. Magos fazem isso o tempo todo. Setne estava abrindo camadas no Duat. Onde quer que ele pisasse, fragmentos se irradiavam, abrindo as camadas do reino mágico. Seu corpo sugava energia de todas as direções e destruía os limites entre o Duat e o mundo mortal, entre a magia grega e a egípcia, transformando-o lentamente em imortal. No processo, ele estava abrindo na ordem cósmica um buraco que talvez nunca se fechasse.

A magia dele nos puxou (Nekhbet e eu), clamando que nos entregássemos e fôssemos absorvidos pela nova forma gloriosa de Setne.

Eu não queria ser absorvido. Nem a deusa abutre. Assim, nosso propósito comum nos ajudou a resistir juntos.

Atravessei o campo. Sadie e Annabeth vinham à direita, mais distantes. Supus que Carter estivesse em algum ponto à minha esquerda, mas ele estava invisível de novo, então não dava para saber. Como eu não conseguia detectá-lo, nem com os sentidos de superabutre de Nekhbet, tive esperanças de que Setne também não conseguisse.

Talvez, se eu mantivesse Setne ocupado, Carter conseguisse cortar a outra mão dele. Ou as pernas. Ou até a cabeça — pontos de bônus, nesse caso.

Setne parou de declamar quando me viu.

— Maravilha! — Ele sorriu. — Você trouxe o abutre. Obrigado!

Não era a reação que eu esperava. Continuo esperando o dia em que o vilão vai me ver e gritar: *Desisto!* Mas ainda não aconteceu.

— Solte a coroa, Setne. — Levantei a *kopis*, que eu já não achava mais tão pesada agora que contava com o poder de Nekhbet. — Renda-se e talvez saia vivo disso. Senão…

— Ah, parabéns! Muito ameaçador! E suas amigas aqui… Já sei: você me mantém ocupado enquanto elas montam uma armadilha incrível para prender o novo deus?

— Você ainda não é um deus.

Ele abanou a mão em desdém.

— Imagino que Carter também esteja por aqui, se achando muito furtivo com a invisibilidade, não? Oi, Carter!

Se Carter estava por perto, não respondeu. Garoto esperto.

Setne ergueu o pulso-cotoco.

— Onde quer que você esteja, Carter, saiba que fiquei impressionado com o feitiço de cortar a mão. Seu pai ficaria orgulhoso. É isso que importa para você, não é? Deixar seu pai orgulhoso? Mas pense no que seria possível se você se aliasse a mim. Vou mudar as regras do jogo. Poderíamos trazer seu pai de volta à vida; e estou falando da vida de *verdade*, não aquela horrível meia-vida que ele tem no Mundo Inferior. Tudo será possível quando eu for deus!

A Névoa envolveu o pulso de Setne e se solidificou na forma de uma nova mão.

— O que me diz, Carter?

O ar acima do mago cintilou. Então um punho azul gigantesco, do tamanho de uma geladeira, apareceu sobre a cabeça de Setne e, com um soco, o cravou no chão como se ele fosse um prego em madeira macia.

— Minha resposta é não. — Carter apareceu do outro lado do campo, com o boné dos Yankees na mão.

Olhei para a coroa de Ptolomeu, que era a única parte de Setne ainda visível acima do chão.

— Era para você esperar — falei. — Montar a armadilha. Eu ia cuidar do Setne.

Carter deu de ombros.

— Ele não devia ter falado do meu pai.

— Esqueçam isso! — interveio Annabeth. — Peguem a coroa!

Ela tinha razão. Eu teria entrado em ação, mas Nekhbet e eu tivemos um momento de paralisia. A deusa queria seu chapéu de volta, mas, quando dei uma olhada no brilho esquisito que emanava da coroa, lembrei que a deusa naja tinha sido devorada e decidi *não* tocar naquela coroa sem luvas de látex e talvez um traje de astronauta.

Antes que Nekhbet e eu pudéssemos resolver nossas diferenças, a terra tremeu.

Setne se ergueu do chão como se estivesse sobre uma plataforma elevatória e olhou com raiva para Carter.

— Eu faço uma proposta perfeitamente justa e você me bate com um punho gigante? Talvez seu pai não sentisse orgulho nenhum, no fim das contas.

O rosto de Carter se contorceu. Seu corpo todo brilhou, emitindo uma luz azul. Ele levitou do chão como se um avatar de Hórus tivesse tomado forma ao seu redor.

Setne não pareceu preocupado. Fez um sinal de *venha cá* com os dedos recém-crescidos, e o avatar de Carter se estilhaçou. A luz azul girou na direção de Setne e foi engolida pela aura crescente. Carter desabou, imóvel, no chão molhado.

— SETNE! — gritou Sadie, erguendo o cajado. — Venha me pegar, sua fuinha maldita! — Ela lançou um raio de fogo branco, mas Setne o capturou no peito e absorveu a energia.

— Sadie, meu bem — disse ele, meloso —, não fique com raiva. Carter sempre foi o irmão *chato*. Na verdade, eu não queria dar vida eterna a ele. Mas você… por que não vem trabalhar comigo, hein? Podemos nos divertir muito! Quebrar o universo todo, destruir tudo que der vontade!

— Isso… isso não é justo — disse Sadie, com a voz trêmula. — Tentar me conquistar com a proposta da destruição.

Ela usava o tom atrevido de sempre, mas seus olhos estavam fixos em Carter, que continuava imóvel.

Eu sabia que precisava fazer alguma coisa. Tínhamos um plano… mas eu não conseguia lembrar qual era. A deusa abutre na minha cabeça estava voando em círculos no piloto automático. Até Annabeth parecia ter dificuldade para se concentrar. Estar tão próximo de Setne era como ficar perto de uma cachoeira. O ruído obliterava todo o resto.

— Sabe — continuou Setne, como se estivéssemos planejando uma festa juntos —, acho que esta ilha vai ser perfeita. Meu palácio vai ficar bem aqui, no novo centro do universo!

— Um campo de futebol cheio de lama — comentou Annabeth.

— Ah, deixa disso, filha de Atena! Sei que você consegue ver as possibilidades. Aquele velho tolo do Serápis teve a ideia certa: juntar toda a sabedoria da Grécia e do Egito em um lugar só e usar esse poder para governar o mundo! Só que Serápis não tinha a minha *visão*. Eu vou consumir os antigos templos, de Zeus, de Osíris, de todas essas divindades decrépitas. Quem precisa delas? Vou pegar os pedaços úteis de cada um deles. Vou me tornar o chefe de uma nova raça de deuses. Humanos de todo o mundo virão até aqui para me fazer oferendas e comprar souvenires.

— Souvenires? — falei. — Você quer a imortalidade para vender camisetas?

— E globos de neve! — Setne ficou com o olhar perdido de quem sonha acordado. — Adoro globos de neve. Enfim: tem espaço para mais de um novo deus. Sadie Kane, você seria perfeita. Sei que adora quebrar regras. Vamos quebrar *todas*! E seus amigos podem vir com a gente!

Carter gemeu e começou a se mexer.

Setne olhou para trás com repulsa.

— Ainda não morreu? Garoto durão. Bem… acho que podemos incluí-lo nos nossos planos. Mas se você preferir, Sadie, é claro que posso acabar com ele.

Sadie soltou um grito gutural. Ela disparou, mas Annabeth a segurou pelo braço.

— Lute com inteligência. Não com raiva.

— Faz sentido — disse Sadie, embora seus braços ainda tremessem de fúria. — Mas vou lutar com as duas coisas.

Ela abriu o *Livro de Tot*.

Setne só riu.

— Sadie, querida, eu sei anular todos os feitiços desse livro.

— Você não vai vencer — insistiu Sadie. — Não vai tirar mais nada de ninguém!

Ela começou a entoar os dizeres. Annabeth ergueu o *khopesh* emprestado, preparando-se para defendê-la.

— Ah, tudo bem, então. — Setne suspirou. — Imagino que você queira *isto* de volta, então.

O corpo de Setne começou a brilhar. Graças a Nekhbet, percebi o que aconteceria uma fração de segundo antes de acontecer, e foi isso que salvou nossas vidas.

Carter estava tentando se levantar quando gritei:

— ABAIXEM-SE!

Ele desabou como um saco de pedras.

Um anel de fogo eclodiu de Setne.

Larguei a espada e me joguei na frente das garotas, abrindo os braços como um goleiro. Um domo de luz roxa me cercou, e as chamas cruzaram inofensivamente a asas transparentes que agora se abriam dos meus dois lados. Com meus novos acessórios, eu tinha conseguido proteger Sadie e Annabeth do pior da explosão.

Baixei os braços, e as asas gigantescas se encolheram. Meus pés, flutuando pouco acima do chão, estavam agora dentro de enormes pernas fantasmagóricas com três dedos compridos e garras de pássaro.

Quando percebi que estava pairando no centro de um abutre gigantesco e brilhante, meu primeiro pensamento foi: *Carter vai me zoar para sempre por causa disso.*

Meu segundo pensamento foi: *Pelos deuses! Carter!*

Sadie deve tê-lo visto na mesma hora que eu, porque deu um grito.

O fogo tinha enegrecido o campo todo e transformado a lama instantaneamente em argila rachada e fumegante. A Névoa e as luzes mágicas tinham sido desfeitas. Minha nova espada era uma barra de bronze fumegante no chão. Carter continuava caído no mesmo lugar, envolto em fumaça, o cabelo chamuscado, o rosto vermelho e coberto de bolhas.

Temi pelo pior. Mas vi seus dedos se mexerem. Ele gemeu, um som que parecia "Gug", e então consegui respirar de novo.

— Graças aos deuses — ouvi Annabeth dizer.

Setne bateu as cinzas do sobretudo roxo.

— Podem agradecer aos deuses se quiserem, mas eles não vão existir por muito mais tempo. Daqui a alguns minutos, a magia que iniciei será irreversível. Agora, Percy, saia desse avatar idiota antes que eu o arranque de você. E você, Sadie, sugiro que me dê o *Livro de Tot* antes que se machuque. Não há nenhum feitiço aí que você possa usar para me machucar.

Sadie deu um passo à frente. Seu cabelo com mechas laranja balançava ao vento ao redor do rosto. Seus olhos assumiram uma expressão fria como aço, o que a deixou ainda mais parecida com uma versão mais jovem de Annabeth.

— *Nenhum feitiço que* eu *possa usar* — repetiu Sadie. — Mas eu tenho amigos.

Ela entregou o *Livro de Tot* a Annabeth, que ficou sem saber como reagir, surpresa.

— Hã… Sadie?

Setne deu uma risadinha.

— O que *ela* vai fazer? A garota pode ser inteligente, mas não sabe ler egípcio arcaico.

Sadie segurou o braço de Annabeth.

— Srta. Chase — disse ela, com formalidade —, tenho uma palavra para você.

Ela então se inclinou e sussurrou alguma coisa no ouvido de Annabeth.

O rosto de Annabeth se transformou. Eu só a tinha visto uma vez antes com uma expressão assim, de puro assombro: quando vira os palácios dos deuses no Monte Olimpo.

Sadie se virou para mim.

— Percy… Annabeth tem um trabalho a fazer. Preciso cuidar do meu irmão. Por que você não mantém nosso amigo Setne entretido?

Annabeth abriu o pergaminho e começou a ler em voz alta em egípcio arcaico. Hieróglifos cintilantes saíram flutuando do papiro, girando no ar ao redor dela, misturando-se com palavras gregas, como se Annabeth estivesse acrescentando os próprios comentários ao feitiço.

Setne parecia ainda mais surpreso do que eu. Um som estrangulado saiu do fundo da sua garganta.

— Isso não é… Esperem aí. Não!

Ele levantou os braços para provocar um contrafeitiço. A coroa começou a brilhar.

Eu precisava me mexer, mas Nekhbet não estava ajudando: concentrara-se demais em Carter, pois ele cheirava a um delicioso churrasquinho.

Aquele ali é fraco, murmurou ela na minha mente. *Vai morrer logo. Os fracos devem morrer.*

A raiva me deu forças. Carter Kane era meu amigo, e eu *não* ficaria parado vendo meu amigo morrer.

Mexa-se, falei para Nekhbet. E assumi o controle do avatar de abutre.

Antes que Setne pudesse terminar o feitiço, agarrei-o com minhas garras espectrais e o carreguei para o céu.

* * *

Vejam bem… eu vivo e respiro esquisitices. Faz parte da vida de um semideus. Mas até hoje ainda há momentos em que paro e tenho dificuldade de acreditar no que está acontecendo. Por exemplo, quando me vejo voando dentro de um abutre brilhoso e gigante, batendo os braços para controlar asas invisíveis, levando nas garras um mago quase imortal… tudo isso só para roubar o chapéu dele.

E o chapéu não saía de jeito nenhum.

Subi em espiral na tempestade, sacudindo Setne na tentativa de derrubar a coroa da cabeça dele, mas o sujeito devia tê-la prendido no topete com Super Bonder.

Ele disparou fogo e luzes em mim. Meu exoesqueleto de ave rechaçou os ataques, mas aos poucos o avatar foi ficando roxo e se apagando, minhas asas parecendo mais e mais pesadas.

— Percy Jackson! — gritou Setne, se contorcendo. — Isso é perda de tempo!

Não me dei ao trabalho de responder. O esforço do combate estava cobrando seu preço depressa.

Da primeira vez que encontrei Carter, ele me avisou que a magia podia destruir um mago se ele usasse muita de uma vez só. Concluí que isso devia se aplicar a semideuses também. Cada vez que Setne disparava em mim ou tentava se soltar usando sua força de quase-deus, minha cabeça latejava. Minha visão ficava mais fraca. Não demorou muito e me vi encharcado de suor.

Só podia torcer para que Sadie estivesse ajudando o irmão. E que Annabeth estivesse terminando o feitiço esquisito para conseguirmos prender Setne, porque eu não podia ficar no ar por muito mais tempo.

Atravessamos o topo da camada de nuvens. Setne parou de se debater, o que me surpreendeu tanto que quase o deixei cair. Um frio começou a se espalhar pelo meu avatar de abutre, gelando minhas roupas molhadas, me encharcando até os ossos. Era um tipo mais sutil de ataque, que procurava fraquezas, e eu sabia que não podia me entregar. Apertei o peito de Setne com mais força com meus pés de abutre, tentando esmagá-lo.

— Percy, Percy… — disse ele, como se fôssemos dois amigos do peito em uma noitada. — Você não vê que oportunidade incrível isto é? Um *recomeço* perfeito. Você, especialmente você, devia valorizar essa oportunidade. Os olimpianos uma vez lhe ofereceram seu presente mais valioso. Ofereceram tornar você um deus, não foi? E você, seu idiota adorável, recusou! Agora é sua chance de corrigir esse erro.

Meu avatar tremeu e piscou como uma lâmpada fluorescente com defeito. Nekhbet, minha colega de cérebro, voltou a atenção para dentro de si.

Você recusou a imortalidade? A voz dela transmitia incredulidade, como se ofendida.

Ela vasculhou minhas lembranças. Vi meu passado pelo ponto de vista seco e cínico dela: eu estava na sala do trono do Monte Olimpo depois da guerra contra os titãs. Zeus me ofereceu um prêmio: ser deus. Eu recusei. Eu queria justiça para os outros semideuses. Queria que os deuses parassem de ser cretinos e prestassem atenção aos filhos.

Foi um pedido idiota. Uma coisa ingênua de se desejar. Eu abri mão de poder. *Nunca* se abre mão de poder.

Eu lutava para continuar segurando Setne.

— Nekhbet, esses são os *seus* pensamentos, não os meus. Eu fiz a escolha certa.

Então você é estúpido, sibilou a deusa abutre.

— É, amigo — disse Setne, que aparentemente tinha ouvido. — Tenho que concordar com Nekhbet quanto a isso. Você fez o que era nobre. Mas como acabou essa história? Os deuses cumpriram as promessas?

Não tinha como separar o azedume de Nekhbet dos meus sentimentos. Claro, eu reclamava dos deuses o tempo todo, mas nunca lamentei minha decisão de permanecer mortal. Eu tinha namorada. Tinha família. Tinha a vida toda pela frente — supondo que conseguisse ficar vivo.

Agora… talvez fosse só Nekhbet na minha cabeça, ou Setne mexendo comigo, mas começava a me perguntar se tinha feito uma grande burrada.

— Eu entendo, garoto — disse Setne, cheio de pena. — Os deuses são sua família. Você quer acreditar que eles são bons. Quer que sintam orgulho de você. Eu sentia o mesmo em relação à *minha* família. Meu pai foi Ramsés, o Grande, você sabe.

Eu estava planando preguiçosamente agora, ainda em círculos, a asa esquerda cortando o alto das nuvens carregadas de tempestade. A coroa de Setne brilhou com mais intensidade e sua aura foi ficando mais fria, entorpecendo meus braços e pernas e fazendo meus pensamentos se arrastarem. Eu sabia que as coisas estavam ficando feias, mas não sabia o que fazer.

— É difícil ter um pai poderoso — prosseguiu Setne. — Ramsés era o faraó, claro, então geralmente hospedava o deus Hórus. Isso o deixou distante, para dizer o mínimo. Eu só conseguia pensar que, se tomasse as decisões certas e provasse que era um bom garoto, ele acabaria reparando em mim, me trataria do jeito que eu merecia. Mas a questão é que os deuses não ligam para os mortais, nem para os filhos. Olhe na mente do abutre, se não acreditar em mim. Você pode ser um bom menino, esbanjar nobreza… mas isso só faz com que seja mais fácil para os deuses ignorar você. A única forma de conquistar o respeito deles é partindo pra ação, sendo *mau* e tomando à força o que você quer!

Nekhbet não tentou me convencer do contrário. Ela era a deusa protetora dos faraós, mas não se importava com eles como pessoas. Importava-se em conservar o poder do Egito, que, por sua vez, mantinha viva a adoração aos deuses. Ela não se importava com atos nobres, nem com justiça. Para ela, só os fracos exigem justiça. Os fracos são carcaças esperando para morrer, aperitivos no longo jantar da vida eterna de Nekhbet.

— Você é um bom garoto — disse Setne. — Bem mais legal do que a deusa que está tentando hospedar. Mas precisa enxergar a verdade. Devia ter aceitado a oferta de Zeus. Seria um deus agora, teria força para *executar* as mudanças que

pediu!

Força é bom, concordou Nekhbet. *Imortalidade é bom.*

— Estou lhe dando uma segunda chance — prosseguiu Setne. — Me ajude, Percy. Torne-se um deus.

Emborcamos no ar quando a consciência de Nekhbet se separou da minha. Ela tinha esquecido qual de nós era o inimigo. Nekhbet favorecia os fortes, e Setne era forte. Eu era fraco.

Então me lembrei de como Setne estava tirando as camadas do Duat, abrindo fissuras na realidade, destruindo a ordem cósmica inteira para se tornar imortal.

Vou pegar os pedaços úteis de cada um deles, dissera ele para Sadie.

Meus pensamentos finalmente clarearam. Eu entendi como Setne operava, como tinha nos vencido até o momento.

— Você está procurando um jeito de entrar na minha mente — falei. — Alguma coisa que possa compreender e usar contra mim. Mas não sou como você. Eu não *quero* a imortalidade, muito menos se isso causar a destruição do mundo.

Setne sorriu.

— Bom, valeu a tentativa — disse ele. — Principalmente porque eu fiz você perder o controle do seu abutre!

Uma explosão de frio estilhaçou meu avatar. De repente, eu estava caindo.

Minha única vantagem: eu estava segurando Setne com as garras, o que queria dizer que ele estava logo abaixo de mim. Eu me choquei nele e prendi os braços em seu peito. Despencamos juntos pelas nuvens.

Eu estava tremendo tanto que fiquei surpreso de conseguir me manter consciente. Gelo cobria minhas roupas. O vento e o gelo faziam meus olhos arderem. Eu sentia como se estivesse descendo uma montanha com esquis e sem máscara.

Não sei bem por que Setne não fez uma magia para desaparecer. Acho que até um mago poderoso pode sucumbir ao pânico. Quando você está despencando, se esquece de pensar racionalmente: *Nossa, sei feitiços e outras coisas.* O que acontece é que seu cérebro animal toma o controle e você pensa: *AH, MEU DEUS, ESSE GAROTO ESTÁ SE SEGURANDO EM MIM E ESTOU PRESO E CAINDO E VOU MORRER!*

Apesar de eu estar a segundos de me tornar aperitivo de abutre, a gritaria e agitação de Setne me deram certa satisfação.

Se tivéssemos caído direto, eu teria batido no chão duro e morrido. Sem dúvida.

Felizmente, as correntes de vento estavam fortes, e Governors Island era um alvo pequeno em uma enseada muito grande.

Batemos na água com um estrondo maravilhosamente familiar.

Minha dor desapareceu. Senti um calor subindo pelos meus membros. Sal girou ao meu redor e me encheu de energia renovada. A água do mar sempre me fazia bem, mas normalmente não tão rápido. Talvez a presença de Nekhbet tenha acelerado minha cura. Talvez meu pai Poseidon estivesse tentando me fazer um favor.

Fosse qual fosse o caso, eu me senti ótimo. Segurei Setne pelo pescoço com uma das mãos e comecei a apertar. Ele lutou como um demônio. (Acredite, eu sei. Já lutei com alguns.) A coroa de Ptolomeu brilhou na água e soltou vapor como uma abertura vulcânica. Setne cravou as unhas no meu braço e soltou bolhas pela boca, talvez tentando lançar feitiços, talvez tentando me convencer a parar de estrangulá-lo. Eu não conseguia ouvi-lo nem queria. Debaixo da água, eu estava no comando.

Leve-o para a margem, disse a voz de Nekhbet.

Ficou maluca?, pensei. *Aqui é meu terreno.*

Ele não pode ser derrotado aqui. Seus amigos estão esperando.

Eu não queria fazer isso, mas entendi. Talvez conseguisse manter Setne ocupado debaixo da água por um tempo, mas ele já tinha percorrido uma grande parte do caminho rumo à imortalidade, de forma que eu não conseguiria destruí-lo. Eu precisava desfazer a magia dele, ou seja: precisava de ajuda.

Continuei segurando-o pelo pescoço e deixei que a correnteza me levasse para Governors Island.

Carter me esperava na pista de corridas da ilha, a cabeça toda enfaixada, como se estivesse usando um turbante. As bolhas no rosto tinham sido tratadas com uma espécie de gosma roxa. Sua calça ninja de linho parecia ter sido lavada em um cortador de madeira queimada, mas ele estava vivo, e furioso. Em uma das mãos, segurava uma corda branca cintilante, como um laço de caubói.

— Bem-vindo de volta, Percy. — Ele olhou com raiva para Setne. — Esse cara deu trabalho?

Setne se debateu e lançou fogo na direção de Carter, que desviou as chamas para o lado com a corda.

— Ele está sob controle agora — falei.

Eu estava confiante de que era verdade. A água do mar me devolvera toda a força. Nekhbet estava cooperando de novo,

pronta para me proteger de qualquer coisa que Setne tentasse. O mago parecia atordoado e desanimado. Ser estrangulado no fundo da enseada de Nova York provoca esse tipo de coisa.

— Então vamos — disse Carter. — Temos uma bela recepção preparada.

Nos campos de futebol queimados, Sadie e Annabeth tinham desenhado um alvo mágico no chão. Pelo menos, foi o que me pareceu. O círculo de giz tinha cerca de um metro e meio de diâmetro e uma borda elaborada de palavras de poder em grego e hieróglifos. No Duat, eu conseguia ver que o círculo irradiava luz branca. Estava desenhado acima da fenda que Setne abriu, como uma atadura sobre um ferimento.

As garotas estavam em lados opostos do círculo. Sadie cruzou os braços e firmou os coturnos em uma postura de desafio. Annabeth ainda segurava o *Livro de Tot*.

Quando me viu, ela manteve a expressão de batalha, mas, pelo brilho dos seus olhos, vi que ficou aliviada.

Quer dizer… tínhamos acabado de completar um ano de namoro. Eu me considerava uma espécie de investimento de longo prazo para ela: Annabeth esperava que eu fosse dar lucro em algum momento. Se eu morresse agora, ela teria aguentado todas as minhas características irritantes a troco de nada.

— Você sobreviveu — observou ela.

— Não graças ao Elvis. — Levantei Setne pelo pescoço. Ele não pesava quase nada. — Ele foi bem durão até eu descobrir o sistema dele.

Eu o joguei no meio do círculo. Nós quatro o cercamos. Os hieróglifos e letras gregas arderam e giraram, erguendo uma nuvem em forma de funil para conter nosso prisioneiro.

— O sujeito é um carniceiro — falei. — Não muito diferente de um abutre. Ele fica cutucando a mente, encontra o que pode usar e usa para romper nossas defesas. Annabeth e seu amor pela sabedoria. Carter e seu desejo de dar orgulho ao pai. Sadie…

— Minha modéstia incrível — adivinhou Sadie. — E minha óbvia beleza.

Carter riu com deboche.

— Enfim — falei —, Setne tentou me oferecer a imortalidade. Tentou entender meus motivos para ter recusado, mas…

— Perdão — interrompeu Sadie. — Você disse que recusou a imortalidade?

— Você ainda pode ser deus! — gemeu Setne. — Todos vocês! Juntos, podemos…

— Eu não *quero* ser deus — falei. — Você não entende isso, não é? Não conseguiu encontrar nada em mim que compreendesse, o que considero um grande elogio.

Dentro da minha mente, Nekhbet sussurrou: *Mate-o. Destrua-o completamente.*

Não, falei. *Porque eu também não sou assim.*

Cheguei até o contorno do círculo.

— Annabeth, Carter, Sadie… estão prontos para acabar com esse cara?

— Quando você quiser. — Carter ergueu a corda.

Eu me agachei até ficar cara a cara com Setne. Seus olhos pintados estavam arregalados e fora de foco. Na cabeça, a coroa de Ptolomeu inclinara-se para o lado como um telescópio de observatório.

— Você estava certo sobre uma coisa — falei para ele. — Há muito poder quando se mistura coisas gregas e egípcias. Estou feliz de você ter me apresentado para os meus novos amigos. Vamos continuar nos misturando.

— Percy Jackson, escute…

— Mas existe uma diferença entre compartilhar e roubar — falei. — Você está com uma coisa que me pertence.

Ele começou a falar. Enfiei a mão na boca dele.

Achou nojento? Espere. Fica pior.

Alguma coisa me guiou, talvez a intuição de Nekhbet, talvez meus próprios instintos. Meus dedos se fecharam ao redor de um pequeno objeto pontudo no fundo da garganta de Setne, e puxei com tudo: minha caneta esferográfica, Contracorrente.

Foi como se eu tivesse tirado a tampinha da válvula de um pneu. Magia voou pela boca de Setne, um fluxo multicolorido de luz hieroglífica.

AFASTE-SE!, gritou Nekhbet na minha mente, na mesma hora em que Annabeth disse a mesma coisa.

Eu cambaleei para longe do círculo. Setne se contorceu e girou enquanto toda a magia que ele tentara absorver saía jorrando em uma torrente nojenta. Eu já tinha ouvido falar de gente que "vomitava arco-íris" porque via alguma coisa fofa demais.

Mas tenho que dizer: se você algum dia *vir* alguém vomitando arco-íris… não tem nada de fofo nisso.

Annabeth e Sadie gritaram comandos mágicos ao mesmo tempo. A nuvem de magia em forma de funil se intensificou ao redor do círculo, contornando Setne, que estava murchando rapidamente. A coroa de Ptolomeu rolou da cabeça dele. Carter deu um passo à frente e jogou a corda mágica.

Assim que a corda tocou em Setne, um brilho de luz me cegou.

Quando minha visão voltou, Setne e a corda tinham sumido. Nenhuma luz mágica girava. A deusa abutre tinha saído da minha cabeça. Minha boca não estava mais com gosto de hiena morta.

Annabeth, os Kane e eu ficamos em círculo olhando para a coroa de Ptolomeu, que estava caída na terra. Ao lado, havia um enfeite de plástico do tamanho de um ovo de ganso.

Eu o peguei. Era um globo de neve.

Dentro do globo, um modelo em miniatura de Governors Island estava permanentemente submerso. Alternando entre correr e nadar pela paisagem para tentar fugir de rios de neve falsa, estava um homem do tamanho de um cupim usando um sobretudo roxo.

Setne tornou Governors Island sua moradia eterna, afinal.

Ele ficara preso em um souvenir barato de plástico.

* * *

Uma hora depois, nos sentamos no parapeito do velho forte e vimos o sol se pôr atrás de Nova Jersey. Eu estava comendo um sanduíche de queijo e tomando um suco de caixinha gelado do estoque extradimensional de lanches de Sadie (junto com dois comprimidos extrafortes para dor de cabeça) e, por isso, me sentia corajoso o suficiente para ouvir explicações.

— Alguém pode me explicar o que aconteceu lá? — perguntei.

Annabeth segurou minha mão.

— Nós vencemos, Cabeça de Alga.

— É, mas… — indiquei o globo de neve, que Carter estava admirando agora — … como?

Carter sacudiu o globo. A neve falsa girou lá dentro. Talvez fosse minha imaginação, mas juro que ouvi Setne gritando debaixo da água ao vivenciar a versão sacudida de sua pequena prisão.

— Acho que a ideia do globo de neve ficou na minha cabeça — disse Carter. — Quando joguei a corda e lancei a armadilha, a magia se adaptou ao que eu estava pensando. Setne vai ser um excelente peso de papel.

Sadie riu com deboche e quase cuspiu suco pelo nariz.

— Pobrezinho do Setne, preso na mesa do Carter por toda a eternidade, obrigado a vê-lo fazendo horas e horas de pesquisa chata. Seria mais gentil deixar Ammit devorar a alma dele.

Eu não sabia quem era Ammit, mas não precisava de mais monstros devoradores de alma.

— Então a armadilha funcionou — falei, e acho que era meio óbvio. — Não preciso entender todos os detalhes…

— Que bom — disse Annabeth. — Porque acho que nenhum de nós entende.

— … mas tem uma coisa que eu preciso saber. — Apontei para Sadie. — O que você sussurrou para Annabeth para transformá-la em maga?

As garotas trocaram um sorriso.

— Eu contei para Annabeth meu nome secreto — disse Sadie.

— Você o quê? — perguntei.

— Chama-se *ren* — explicou Sadie. — Todo mundo tem um, mesmo que não saiba. O *ren* é… bem, a definição de quem você é. Quando compartilhei essa informação, Annabeth teve acesso às minhas experiências, minhas capacidades, tudo de maravilhoso que eu tenho.

— Isso foi arriscado. — Carter me olhou com expressão sombria. — Qualquer pessoa que conheça seu *ren* pode controlar você. Não se compartilha essa informação se não for absolutamente necessário, e só com pessoas em quem você realmente confia. Sadie descobriu meu nome secreto ano passado. Minha vida está um inferno desde então.

— Ah, por favor — disse Sadie. — Só uso meu conhecimento para o bem.

Carter de repente deu um tapa no próprio rosto.

— Ei! — reclamou ele.

— Ops, desculpe — disse Sadie. — Mas eu confio na Annabeth. Eu sabia que teríamos que nos unir para criar o círculo de contenção. Além do mais, uma semideusa grega fazendo magia egípcia… Você viu a cara do Setne? Foi impagável.

Minha boca ficou seca. Imaginei Annabeth evocando hieróglifos no Acampamento Meio-Sangue, explodindo carruagens na pista de corrida, lançando punhos azuis gigantes durante a captura da bandeira.

— Então agora minha namorada é maga? Tipo, para sempre? Ela já era bem assustadora antes.

Annabeth riu.

— Não se preocupe, Cabeça de Alga. O efeito de saber o *ren* de Sadie já está passando. Eu nunca vou conseguir fazer magia sozinha.

Dei um suspiro de alívio.

— Tudo bem. Mas tenho, hã… uma última pergunta.

Eu indiquei a coroa de Ptolomeu, que estava no parapeito ao lado de Sadie. Parecia parte de uma fantasia de Halloween, não o tipo de adereço capaz de partir o mundo ao meio com violência.

— O que vamos fazer com isso?

— Ah — disse Sadie —, eu poderia colocar na cabeça e ver o que acontece.

— NÃO! — gritaram Carter e Annabeth.

— Estou brincando — disse Sadie. — Sinceramente, vocês dois, se acalmem. Mas tenho que admitir que não entendo por que Wadjet e Nekhbet não vieram pedir as coroas de volta. As deusas *foram* libertadas, não foram?

— Foram — falei. — Senti a naja Wadjet ser expelida quando Setne estava vomitando arco-íris. E Nekhbet voltou… para onde as deusas vão quando não estão perturbando mortais.

Carter coçou a cabeça enrolada em ataduras.

— Então… elas *esqueceram* as coroas?

Rastros da personalidade de Nekhbet permaneceram nos cantos da minha mente, o suficiente para me deixar desconfortavelmente seguro de que a coroa de Ptolomeu fora deixada ali de propósito.

— É um teste — falei. — As Duas Senhoras querem ver o que vamos fazer com ela. Quando Nekhbet soube que eu recusei a imortalidade no passado, ficou meio ofendida. Acho que está curiosa para saber se algum de nós vai tentar ficar com isso.

Annabeth me olhou sem entender.

— Nekhbet faria isso por *curiosidade*? Mesmo que causasse um evento capaz de destruir o mundo?

— É a cara da Nekhbet — disse Sadie. — Ela é uma ave velha e nociva. Adora ver os mortais brigarem e se matarem.

Carter ficou olhando para a coroa.

— Mas… nós sabemos que não devemos usar essa coisa. Não sabemos? — A voz dele soou um pouco melancólica.

— Pela primeira vez, você está certo, irmãozinho querido — disse Sadie. — Por mais que eu fosse adorar ser uma deusa de verdade, acho que vou ter que me contentar em ser uma deusa *figurativa*.

— Vou vomitar arco-íris agora — disse Carter.

— E o que vamos fazer com a coroa? — perguntou Annabeth. — Não é o tipo de coisa que podemos deixar nos achados e perdidos de Governors Island.

— Ei, Carter — falei —, depois que derrotamos aquele monstro crocodilo em Long Island, você disse que tinha um lugar seguro para guardar o colar. Dá para guardar a coroa lá também?

Os Kane tiveram uma conversa silenciosa.

— Acho que poderíamos levar a coroa para o Primeiro Nomo, no Egito — disse Carter. — Nosso tio Amós é o responsável lá. Ele tem os cofres mágicos mais seguros do mundo. Mas nada é cem por cento seguro. Os experimentos de Setne com magia grega e egípcia estremeceram o Duat. Deuses e magos sentiram. Tenho certeza de que os semideuses também sentiram. Esse tipo de poder é tentador. Mesmo que trancássemos a coroa de Ptolomeu…

— Outros podem experimentar a magia híbrida — disse Annabeth.

— E quanto mais se tentar — disse Sadie —, maior pode ser o dano ao Duat, ao mundo mortal e à nossa sanidade.

Ficamos em silêncio, absorvendo a ideia. Imaginei o que aconteceria se os garotos do chalé de Hécate soubessem sobre magos egípcios no Brooklyn, ou se Clarisse, do chalé de Ares, aprendesse a conjurar um avatar de javali gigantesco.

Tive um calafrio.

— Vamos ter que manter nossos mundos separados o máximo possível. A informação é perigosa demais.

Annabeth assentiu.

— Você está certo. Não gosto de guardar segredos, mas vamos ter que tomar cuidado com quem falamos. Talvez possamos contar para Quíron, mas…

— Aposto que Quíron já sabe sobre os egípcios — falei. — Ele é um centauro velho e esperto. Vamos ter que manter nossa pequena força-tarefa só entre nós.

— "Nossa pequena força-tarefa". — Carter sorriu. — Gosto de como isso soa. Nós quatro podemos manter contato. Vamos ter que ficar preparados para o caso de uma coisa assim voltar a acontecer.

— Annabeth tem meu número de celular — disse Sadie. — O que, sinceramente, irmão, é uma solução bem mais fácil do que escrever hieróglifos invisíveis na mão do seu amigo. O que você tinha na cabeça?

— Fez sentido na ocasião — protestou Carter.

Recolhemos o lixo do nosso piquenique e nos preparamos para seguir cada um para o seu lado.

Carter embrulhou com cuidado a coroa de Ptolomeu em um pedaço de linho. Sadie deu uma boa sacudida no globo de neve de Governors Island e guardou na mochila.

As garotas se abraçaram. Eu apertei a mão de Carter.

Com uma pontada de sofrimento, percebi o quanto sentiria falta deles. Eu estava ficando cansado de fazer novos amigos só para me despedir deles, principalmente porque alguns nunca voltavam.

— Se cuida, Carter — falei. — Chega de fritar em explosões.

Ele deu um sorrisinho.

— Não posso prometer. Mas ligue se precisar de nós, tá? E, hã, obrigado.

— Ei, foi trabalho de equipe.

— Acho que foi. Mas, Percy… a questão principal foi você ser uma boa pessoa. Setne não conseguiu atingir você. Sinceramente, se me tentassem a virar deus como você foi tentado…

— Você teria feito a mesma coisa.

— Talvez. — Ele sorriu, mas não parecia convencido. — Tudo bem, Sadie. Hora de voar. Os iniciados da Casa do Brooklyn vão ficar preocupados.

— E Khufu vai fazer salada de frutas com gelatina para o jantar — disse ela. — Deve ser uma delícia. Tchauzinho, semideuses!

Os Kane viraram aves de rapina e se lançaram na direção do sol poente.

— Foi um dia estranho — falei para Annabeth.

Ela segurou minha mão.

— Estou pensando em jantar o cheesebúrguer do P. J. Clarke's.

— Com bacon — falei. — A gente merece.

— Adoro seu jeito de pensar — disse ela. — E estou feliz por você não ser um deus.

Ela me beijou, e concluí que eu também estava feliz. Um beijo ao pôr do sol com promessa de um bom cheesebúrguer com bacon… Com uma recompensa assim, quem precisa de imortalidade?

LEIA O PRIMEIRO CAPÍTULO DE

A espada do verão

Livro 1 da nova série de Rick Riordan

Magnus Chase e os deuses de Asgard

Tradução de Regiane Winarski

Capítulo um

Bom dia! Você vai morrer.

É, EU SEI. Vocês vão ler sobre minha morte agonizante e vão pensar: "Uau! Que maneiro, Magnus! Posso ter uma morte agonizante também?"

Não. Tipo, não.

Não saiam por aí pulando de telhados. Não corram entre os carros nem taquem fogo no próprio corpo. Não é assim que funciona. Não tentem fazer isso em casa.

Além do mais, vocês não gostariam de se ver na minha situação. A não ser que tenham o desejo insano de ver guerreiros mortos-vivos fazendo picadinho uns dos outros, espadas enfiadas em narizes de gigantes e elfos negros em roupas modernas, nem *pensem* em procurar os portões de cabeça de lobo.

Meu nome é Magnus Chase. Tenho dezesseis anos. Esta é a história de como minha vida foi ladeira abaixo depois que eu morri.

* * *

Meu dia até que começou bem normal. Eu estava dormindo debaixo de uma ponte no Public Garden, em Boston, quando um cara me acordou com um chute e disse:

— Tem gente atrás de você.

A propósito, eu moro na rua faz dois anos.

Alguns de vocês podem pensar: *Puxa, que triste*. Outros talvez pensem: *Bem-feito, vagabundo!* Mas, se me vissem na rua, tenho noventa e nove por cento de certeza de que passariam direto por mim como se eu fosse invisível, torceriam para que eu não me aproximasse pedindo dinheiro e se perguntariam se sou mais velho do que pareço, porque, obviamente, nenhum adolescente andaria pelas ruas de Boston enrolado em um saco de dormir fedido no meio do inverno. *Alguém ajude aquele pobre garoto!*

E continuariam andando.

Tudo bem. Não preciso da solidariedade de vocês. Estou acostumado a zombarias. E estou acostumado a ser ignorado. Vamos em frente.

O mendigo que me acordou foi um cara chamado Blitz. Como sempre, parecia ter acabado de atravessar correndo um furacão de imundície. Seu cabelo preto e crespo vivia cheio de pedaços de papel e fragmentos de galhos. Seu rosto era tostado como couro curtido, todo salpicado de gelo. Sua barba áspera se abria em todas as direções. A barra de seu sobretudo surrado estava coberta de neve, pois se arrastava no chão (Blitz tinha cerca de um metro e sessenta de altura), e suas pupilas estavam tão dilatadas que mal se via a íris. Graças aos olhos esbugalhados, ele parecia prestes a gritar a qualquer segundo.

Pisquei repetidas vezes, tentando afastar o sono. Eu sentia gosto de hambúrguer velho na boca. Meu saco de dormir estava quentinho, e eu realmente não queria sair dali.

— Quem está atrás de mim?

— Sei lá. — Blitz esfregou o nariz, que, de tantas vezes quebrado, era em zigue-zague que nem um raio. — Tem um pessoal aí distribuindo panfletos com o seu nome e uma foto sua.

Soltei um palavrão. Se fosse um policial ou um segurança, tudo bem. Assistentes sociais, voluntários de serviço comunitário, universitários bêbados, viciados a fim de espancar alguém pequeno e fraco: encarar qualquer um desses logo cedo seria mole como acordar com café da manhã na cama.

Mas alguém que sabia meu nome e conhecia meu rosto… isso era mau sinal. Significava que estavam procurando especificamente por mim. Talvez a galera do abrigo estivesse com raiva por eu ter quebrado o aparelho de som deles. (Aquelas cantigas de Natal eram de enlouquecer.) Talvez uma câmera de segurança pública tivesse flagrado o último furto

que eu cometera na área do Theater District. (Ei, eu precisava de dinheiro para uma pizza.) Ou talvez, por mais improvável que parecesse, a polícia ainda estivesse na minha cola, querendo fazer perguntas sobre o assassinato da minha mãe…

Reuni minhas coisas, o que levou uns três segundos. Enrolei o saco de dormir bem apertado para caber na mochila, junto com a escova de dentes e algumas meias e cuecas. Além da roupa do corpo, isso era tudo o que eu tinha. Com a mochila no ombro e o capuz do casaco cobrindo a cabeça, eu conseguia facilmente me misturar à multidão de pedestres. Boston é cheia de universitários. Alguns ainda mais desgrenhados e que aparentam ser ainda mais jovens que eu.

Eu me virei para Blitz.

— Onde você viu essas pessoas com folhetos?

— Na rua Beacon. Estão vindo para cá. Um coroa branquelo e uma garota. Deve ser filha dele.

Franzi a testa.

— Isso não faz sentido. Quem…?

— Não sei, garoto, mas eu tenho que ir.

Blitz observou com olhos semicerrados o nascer do sol, que tingia de laranja as janelas dos arranha-céus. Por motivos que nunca entendi direito, Blitz detestava a luz do dia. Talvez fosse o vampiro sem-teto mais baixo e corpulento do mundo.

— Você devia ir encontrar o Hearth. Ele está na praça Copley.

Tentei conter a irritação. O pessoal da rua brincava dizendo que Hearth e Blitz eram minha mãe e meu pai, porque tinha sempre um ou outro perto de mim.

— Eu agradeço — falei. — Mas vou ficar bem.

Blitz começou a roer a unha.

— Sei não, garoto. Hoje, não. Você tem que tomar muito cuidado.

— Por quê?

Ele olhou de relance por cima do meu ombro.

— Eles estão vindo.

Não vi ninguém atrás de mim. Quando me virei de volta, Blitz tinha sumido.

Eu odiava quando ele fazia isso. De repente… *puf*. O cara era um ninja. Um vampiro-ninja sem-teto.

Agora, eu precisava escolher: ir até a praça Copley e ficar com Hearth ou ir até a rua Beacon para tentar ver quem eram as pessoas que estavam me procurando.

A descrição que Blitz fez delas me deixou curioso. Um coroa branco e uma garota me procurando logo cedo em uma manhã de inverno. Por quê? Quem seriam eles?

Discretamente, contornei o laguinho. Quase ninguém pega a trilha que passa sob a ponte, então, se eu seguisse pela lateral da colina, conseguiria ver qualquer um que se aproximasse pela outra trilha sem que me vissem.

Uma camada de neve cobria o chão. O céu estava de um azul de doer os olhos. Os galhos nus das árvores pareciam ser feitos de vidro. O vento cortante atravessava as camadas de roupas, mas o frio não me incomodava. Minha mãe sempre dizia que eu era quase um urso-polar.

Droga, Magnus, pensei, repreendendo a mim mesmo.

Depois de dois anos, minhas lembranças dela ainda eram um campo minado. Era só eu tropeçar em uma que meu equilíbrio explodia em pedacinhos.

Tentei me concentrar.

Vi o homem e a garota vindo na minha direção. O cabelo louro dele cobria a gola do casaco — não em um estilo intencional, mas como se ele não pudesse se dar ao trabalho de ir cortar. Sua expressão de perplexidade era como a de um professor substituto: *Sei que fui atingido por uma bolinha de papel, mas não faço ideia de quem jogou.* Ele usava sapatos sociais, uma escolha totalmente equivocada para o inverno de Boston. Cada meia era de um tom diferente de marrom. O nó da gravata parecia ter sido feito enquanto ele rodopiava na mais completa escuridão.

A garota era filha dele, definitivamente. Tinha o cabelo farto e ondulado como o do homem, só que em um tom mais claro. Estava vestida de forma mais sensata: botas de neve, calça jeans e uma parca, além de uma camiseta laranja aparecendo na altura do pescoço. Sua expressão era mais determinada, zangada. Ela segurava a pilha de panfletos como se fossem cópias de uma redação em que recebera uma nota baixa.

Se ela estava me procurando, eu não queria ser encontrado. A garota era assustadora.

Não a reconheci, nem ao pai dela, mas alguma coisa pipocou no fundo da minha mente… como um ímã tentando puxar uma lembrança muito antiga.

Pai e filha pararam no ponto em que o caminho bifurcava. Os dois olharam ao redor, como se só então percebessem que estavam no meio de um parque deserto em um horário cruel em pleno inverno.

— Inacreditável — disse a garota. — Dá vontade de estrangulá-lo.

Supondo que ela estivesse falando de mim, me abaixei um pouco mais.

O pai suspirou.

— Acho que não é uma boa ideia. Ele ainda é seu tio.

— Mas *dois anos*? Pai, como ele pôde ficar *dois anos* sem contar para a gente?

— Não sei explicar as decisões de Randolph. Nunca soube, Annabeth.

Inspirei com tanta força que tive medo de eles ouvirem. Uma ferida se abriu no meu cérebro, expondo dolorosas lembranças de quando eu tinha seis anos.

Annabeth. Ou seja, o homem louro era… *tio Frederick*?

Então minhas lembranças me levaram ao último Dia de Ação de Graças que havíamos passado juntos: Annabeth e eu escondidos na biblioteca da casa do tio Randolph, brincando com peças de dominó enquanto os adultos gritavam uns com os outros no andar de baixo.

Você tem sorte de morar com a sua mãe. Annabeth colocou mais um dominó na miniconstrução. Uma construção incrivelmente boa, com colunas na frente, como um templo. *Vou fugir de casa.*

Eu não tinha dúvida de que era sério. A confiança dela me impressionava.

Foi quando tio Frederick apareceu à porta com os punhos cerrados, sua expressão sombria contrastando com as renas sorridentes em seu suéter. *Annabeth, vamos embora.*

Ela olhou para mim. Seus olhos cinzentos eram intensos demais para uma menina da idade dela. *Se cuida, Magnus.*

Com um peteleco, ela derrubou o templo de dominó que havia construído.

Foi a última vez que a vi.

Depois, minha mãe foi inflexível: *Vamos ficar longe dos seus tios. Principalmente do Randolph. Não vou fazer o que ele quer. Jamais.*

Ela não explicou o que Randolph queria, nem sobre o que tinha discutido com os irmãos.

Você precisa confiar em mim, Magnus. Ficar perto deles… é perigoso demais.

Eu confiava na minha mãe. Mesmo após a morte dela, não tive mais qualquer contato com meus tios.

Agora, do nada, eles estavam me procurando.

Randolph morava na cidade, mas, até onde eu sabia, Frederick e Annabeth ainda moravam na Virginia. Mas ali estavam eles, distribuindo folhetos com meu nome e minha foto. *Onde* tinham conseguido uma foto minha?

Eu estava tão confuso que perdi uma parte da conversa.

— … encontrar Magnus — dizia tio Frederick. Ele olhou para o celular. — Randolph está no abrigo da cidade, no South End. Disse que não encontrou nenhuma pista. Vamos tentar a sorte no abrigo para menores do outro lado do parque.

— Se é que Magnus ainda está vivo... — disse Annabeth, com tristeza. — Desaparecido há *dois anos*! Ele pode ter morrido congelado em uma sarjeta qualquer!

Fiquei tentado a sair do meu esconderijo e gritar: *SURPRESAAA!*

Embora fizesse dez anos desde a última vez que eu vira Annabeth, não gostei de vê-la preocupada. Mas, depois de tanto tempo nas ruas, eu tinha aprendido do jeito mais difícil: nunca se meta em uma situação sem antes entender o que está acontecendo.

— Randolph tem certeza de que Magnus está vivo — disse tio Frederick. — Em algum lugar de Boston. Se a vida dele estiver mesmo em perigo…

Os dois foram na direção da rua Charles, suas vozes sendo levadas pelo vento.

Eu estava tremendo agora, mas não era de frio. Queria correr atrás de Frederick e exigir uma explicação sobre o que estava acontecendo. Como Randolph sabia que eu ainda estava na cidade? Por que estavam me procurando? Por que só agora minha vida estava correndo perigo?

Mas não fui atrás deles.

Eu me lembrei da última coisa que minha mãe me disse. Eu estava relutando em fugir pela escada de incêndio, relutando em deixá-la, mas ela me segurou pelos braços e me obrigou a encará-la. *Magnus, fuja. Vá se esconder. Não confie em ninguém. Eu vou encontrar você. Aconteça o que acontecer, não peça ajuda a Randolph.*

Então, antes de eu chegar à janela, a porta do nosso apartamento foi arrebentada e brilhantes olhos azuis surgiram da

escuridão…

Afastei a lembrança e fiquei vendo tio Frederick e Annabeth indo embora, seguindo na direção do parque Boston Common.

Tio Randolph… Por algum motivo, ele tinha entrado em contato com Frederick e Annabeth e os feito vir até Boston. Durante todo aquele tempo, Frederick e Annabeth não sabiam que eu estava desaparecido. Parecia impossível, mas, se fosse verdade, por que Randolph teria decidido lhes contar isso agora?

Eu só conseguia pensar em um jeito de conseguir as respostas sem confrontá-lo diretamente. Ele morava em Back Bay, aonde dava para ir a pé. De acordo com Frederick, Randolph não estava em casa, e sim em alguma parte do South End, me procurando.

Como não há nada melhor para começar o dia do que uma boa invasão domiciliar, decidi fazer uma visitinha à casa dele.

Sobre o autor

© Michael Frost



Rick Riordan é autor das séries best-sellers *Percy Jackson e os olimpianos* e *Os heróis do Olimpo*, além da emocionante *As crônicas dos Kane*. Não perca sua próxima série: *Magnus Chase e os deuses de Asgard*.

De acordo com Rick, Percy Jackson foi inspirado em seu filho, Haley, embora haja rumores de que o Acampamento Meio-Sangue existe de verdade e de que o próprio Rick passa os verões lá, anotando as aventuras dos jovens semideuses. Há quem acredite que, para evitar um ataque de pânico em massa entre a população mortal, ele tenha jurado pelo Rio Estige que apresentaria a história de Percy Jackson como ficção.

Rick Riordan mora em Boston, Massachussetts (quando não está no Acampamento Meio-Sangue), com a esposa e os dois filhos.

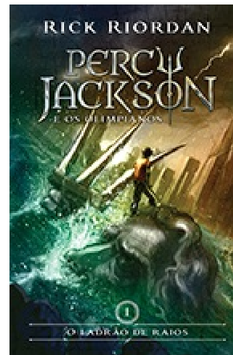
Site oficial:
www.rickriordan.com

Blog do autor:
http://rickriordan.blogspot.com.br/

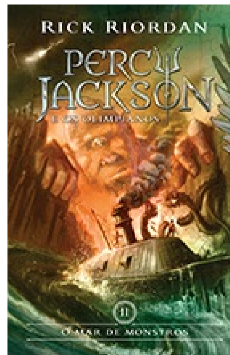
Saiba mais sobre as séries do autor

PERCY JACKSON & OS OLIMPIANOS

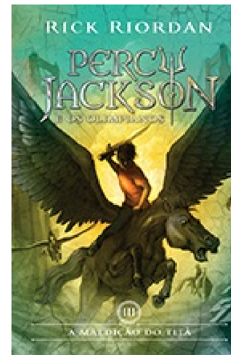
Conheça os livros da série



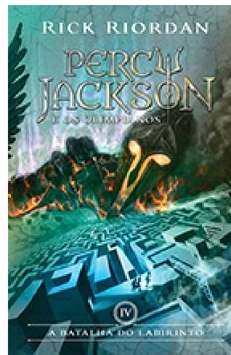
Livro Um



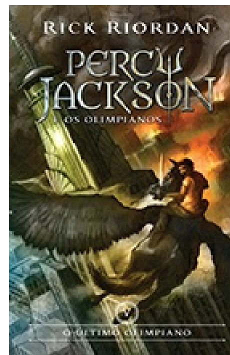
Livro Dois



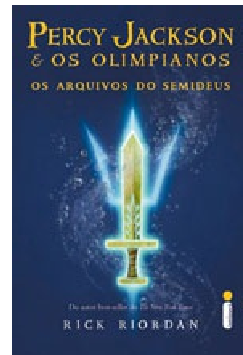
Livro Três



Livro Quatro



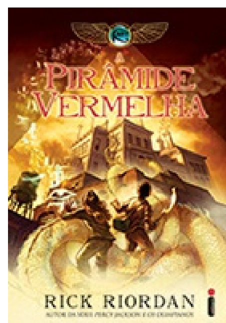
Livro Cinco



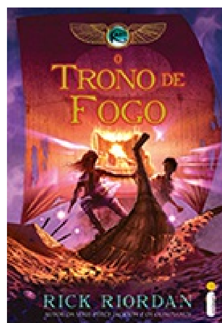
Companion book



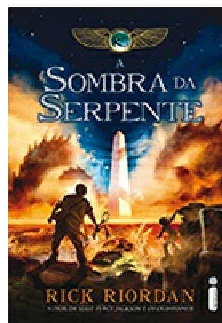
Conheça os livros da série



Livro Um



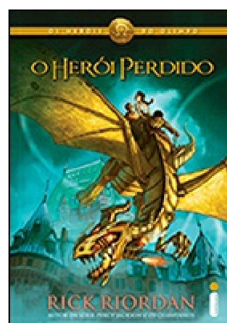
Livro Dois



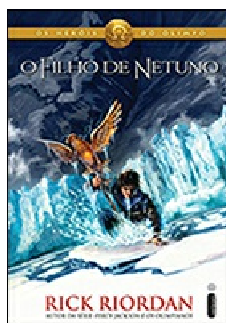
Livro Três



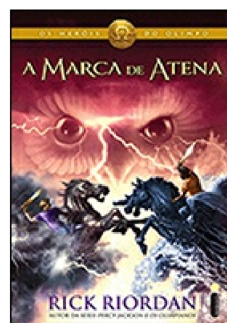
Conheça os livros da série



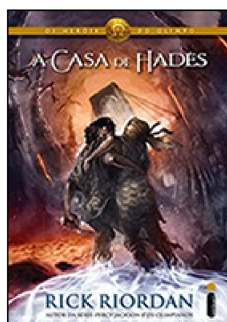
Livro Um



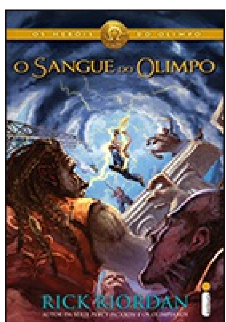
Livro Dois



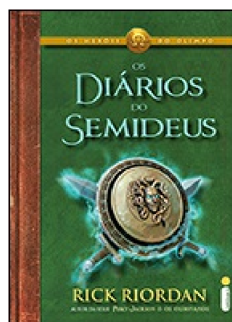
Livro Três



Livro Quatro

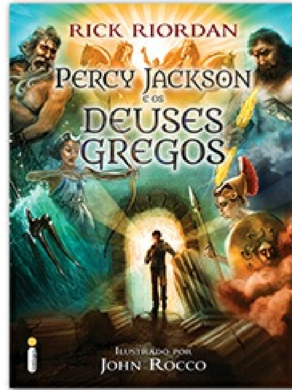


Livro Cinco

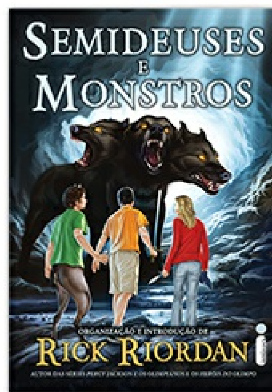


Companion book

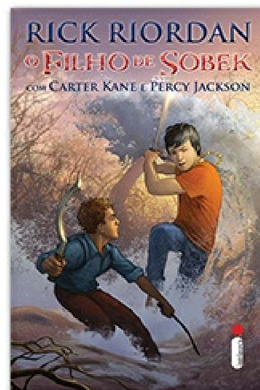
Outros títulos do autor



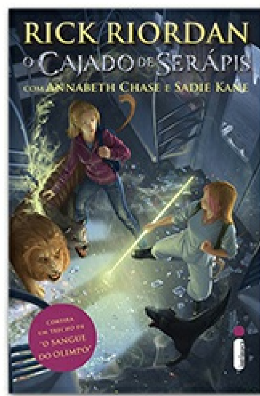
Percy Jackson e os deuses gregos



Semideuses e monstros
Organização e introdução de
Rick Riordan



O filho de Sobek



O cajado de Serápis